



CRB

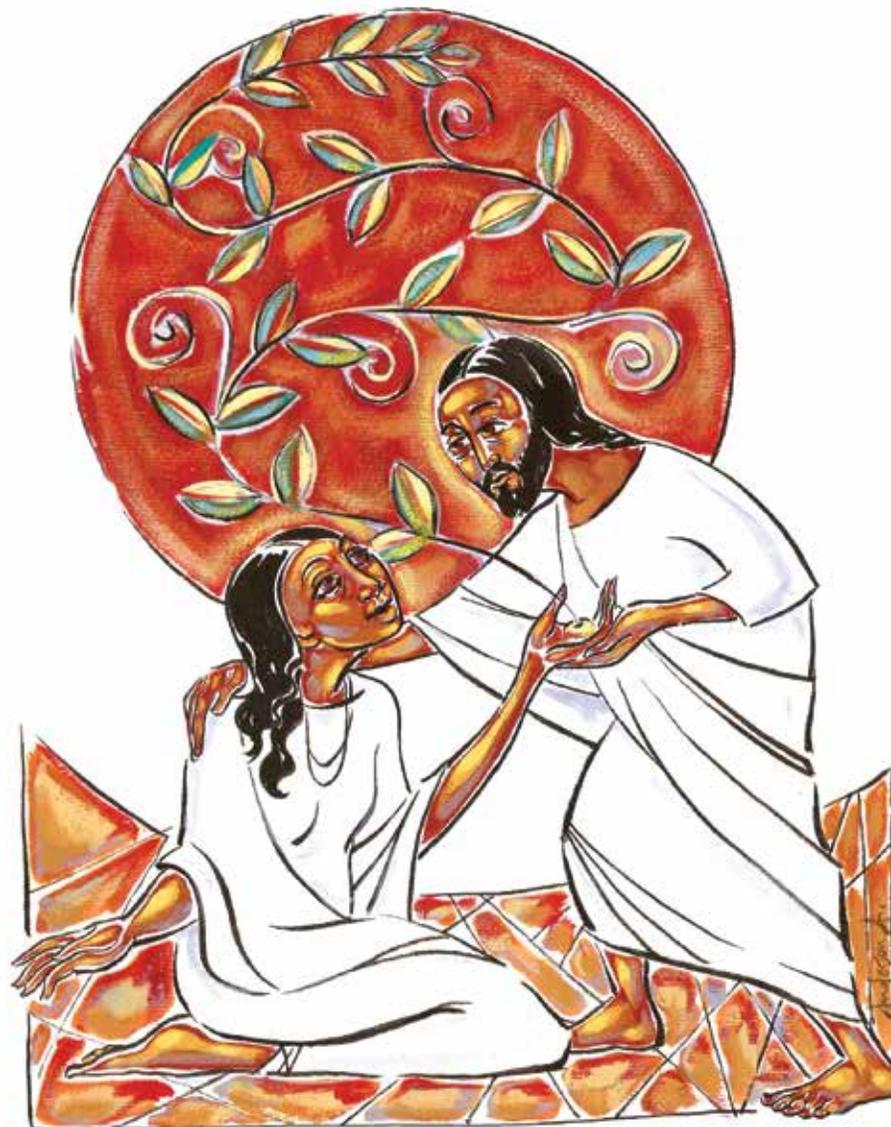
Quadro Programático da CRB 2010-2013

HORIZONTE

Em meio aos grandes desafios do mundo complexo e plural, da realidade da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, a Palavra de Deus nos impulsiona a avançar com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3), movidos/as pelo Espírito que o consagrou e enviou a anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18). Provocados/as por uma nuvem de testemunhas (Hb 12,1), reafirmamos nossa identidade místico-profética e reavivamos a paixão pelo Reino, defendendo e promovendo a vida, assumindo a causa dos empobrecidos e construindo relações humanas, fraternas e solidárias.

PRIORIDADES

1. Redescobrir o sentido profundo da VRC, revitalizando a paixão por Jesus e seu Reino mediante a escuta da Palavra de Deus, a oração encarnada, a contemplação sapiencial da realidade, o compromisso discipular-missionário, a convivência como irmãos e irmãs e a comunhão com toda a criação.
2. Avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais.
3. Qualificar as relações na VRC e em seu espaço de inserção, em diálogo com as diferenças pessoais, culturais, étnicas, religiosas, geracionais e de gênero.
4. Ampliar o diálogo com as novas gerações em seus anseios e inquietações, e buscar novas metodologias para a animação vocacional.
5. Aprofundar o conhecimento da realidade juvenil e intensificar a presença e ação junto às juventudes.
6. Buscar maior leveza e agilidade institucional da VRC e ampliar as fronteiras congregacionais por meio da intercongregacionalidade, da partilha do carisma com outras pessoas e grupos de redes e parcerias.



- A Palavra de Deus e a VRC na Amazônia
- O desafio das estruturas mais ágeis e leves
- CEB: justiça e profecia na construção de uma nova ordem mundial
- O processo de envelhecimento na VRC

Sumário

Editorial

Palavra viva e eficaz..... 513

Informes

Mensagem final do Encontro Nacional da Vida Monástica e Contemplativa..... 517

Jubileu de canonização de São Vicente Pallotti..... 520

Irmã Katherine, uma santa dos nossos dias..... 522

Arte e Cultura

Novo tempo, novos vícios

PLUTARCO ALMEIDA..... 526

Artigos

A Palavra de Deus e suas interpelações para a Vida Religiosa Consagrada na Amazônia hoje
ZENILDA PETRY..... 531

As organizações religiosas e o desafio das estruturas mais ágeis e leves
RAIMUNDO BARROS..... 543

Comunidades Eclesiais de Base: justiça e profecia na construção de uma nova ordem mundial
FRANCISCO DE AQUINO JÚNIOR..... 557

O processo de envelhecimento na Vida Religiosa Consagrada: um começo de conversa
EDER D'ARTAGNAN..... 571



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATOR RESPONSÁVEL

Pe. Plutarco Almeida, sj

MTb 2122

CONSELHO EDITORIAL:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst

Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp

Pe. Cleto Caliman, sdb

Pe. Jaldemir Vitório, sj

Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507

Ed. Venâncio II

70393-900 - Brasília - DF

Tel.: (61) 3226-5540

Fax: (61) 3225-3409

E-mail: crb@crbnacional.org.br

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:

Cirano Dias Pelin e Sandra Sinzato

Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

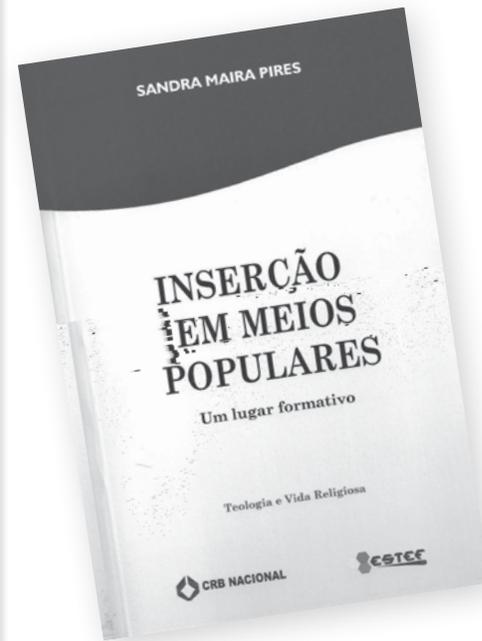
Ilustração da capa:

Ir. Anderson Augusto de Souza Pereira, msc

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2012: Brasil: R\$ 89,00
Exterior: US\$ 89,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,90 ou US\$ 8,90

Chegaram os dois novos livros da Coleção Teologia e Vida Religiosa!



Uma parceria:

CRB Nacional

ESTEF – Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana

À venda em todas as Regionais CRB

ou através do e-mail: publicacoes@crbnacional.org.br.

Gente querida,
salve, salve!

Em setembro, a Igreja celebra o “Mês da Bíblia”, sem dúvida uma excelente oportunidade para aprofundarmos o conhecimento da Palavra de Deus, conhecimento que nos leve, é claro, a uma contínua e sincera conversão.

Aproveitando, então, a inspiração deste mês, convidamos a Irmã Zenilda Petry, ifsj, biblista popular e amazonense de alma e coração, para propor-nos uma reflexão sobre “A Palavra de Deus e suas interpelações para a Vida Religiosa Consagrada na Amazônia hoje”. A partir da sua vivência em terras e, sobretudo, águas... amazônicas, a Irmã Zenilda afirma que

a Vida Religiosa na Amazônia, mais do que nunca, está interpelada a fazer da Palavra de Deus a estrela guia de seu horizonte de vida e missão. E, felizmente, a Palavra vai fazendo seu percurso nesta vasta Amazônia, marcada pela pujança das florestas, pela fartura das águas, por uma natureza agraciada por Deus, que caracteriza, de forma peculiar, o povo que nela habita.

Sabemos que a Palavra de Deus é viva e eficaz. Assim também deveriam ser as nossas Instituições. Mas, infelizmente, estas duas palavras – vivacidade e eficácia – parece que andaram sumindo dos nossos dicionários. Ao longo da história, a Vida Religiosa Consagrada foi criando e consolidando estruturas que já não respondem mais aos novos

contextos e desafios. Nesse sentido, a prioridade número 6 do projeto trienal da Conferência dos Religiosos do Brasil (2010-2013) aponta para a necessidade de buscar “maior leveza e agilidade institucional”. Na medida de suas possibilidades, a CRB tem procurado satisfazer essa necessidade, seja através de cursos, seminários e assessorias, seja por meio da divulgação de subsídios diversos, ajudando a Vida Religiosa Consagrada a modernizar as suas estruturas, tornando-as mais vivas e eficazes.

O Irmão Raimundo Barros, jesuíta pós-graduado em Administração e com larga experiência no setor, traz para as páginas desta edição um excelente comentário, cujo título é “As organizações religiosas e o desafio das estruturas mais ágeis e leves”. Com certeza, este subsídio poderá ser de grande utilidade para aquelas Congregações e aqueles Institutos que de fato desejam atingir a meta proposta pela sexta prioridade da CRB.

“Comunidades Eclesiais de Base: justiça e profecia na construção de uma nova ordem mundial” é o terceiro artigo da *Convergência* deste mês. O Padre Francisco de Aquino Júnior, teólogo e pastoralista, atuante nas periferias do Nordeste brasileiro, levanta um dos temas mais discutidos atualmente, qual seja: a nova ordem mundial, e faz uma relação com as Comunidades Eclesiais de Base. Segundo ele, a criação dessa nova ordem

é o grito das vítimas da atual ordem mundial. É o grito dos que se empenham na construção de uma nova ordem mundial. E por tal razão é, e tem de ser, o grito das Comunidades Eclesiais de Base, “romeiras do Reino no campo e na cidade”, comprometidas com a instauração do Reinado de Deus neste mundo ou com a estruturação deste mundo segundo a lógica e o dinamismo do Reinado de Deus.

Outro assunto importante, mas pouco debatido entre nós, é o envelhecimento dos Religiosos e das Religiosas. Nossas comunidades estão cheias de irmãos e irmãs da “melhor idade”, entretanto parece que nos descuidamos de aprofundar

mais a questão. O professor Eder D'Artagnan, mestre em Gerontologia pela Universidade Católica de Brasília, faz uma constatação que é ao mesmo tempo um alerta bastante grave:

A Vida Religiosa Consagrada está envelhecendo – assim como o Brasil, cuja expectativa de vida, hoje, é de 69 anos para os homens e 77 para as mulheres. Nas Congregações com mais de meio século de vida, os Religiosos idosos costumam superar em número os jovens e adultos. Algumas, até, são constituídas quase que exclusivamente por Religiosos da terceira idade.

Entretanto, a maioria das Congregações tem voltado sua atenção para as novas gerações, as realidades juvenis e as novas vocações, mesmo por uma questão de sobrevivência institucional: sem a entrada de novos vocacionados é real o risco de a Congregação deixar de existir. Em contraponto, há pouca discussão sobre o lugar dos idosos na Vida Religiosa Consagrada, e as produções teóricas específicas sobre este público são escassas [...].

Tomara que o artigo do professor Eder, intitulado “O processo de envelhecimento na Vida Religiosa Consagrada: um começo de conversa”, possa chamar a atenção não só dos Superiores Provinciais e/ou Coordenadores de Comunidades Religiosas, mas de toda a Vida Consagrada, para que a nossa querida “melhor idade” seja, assim, mais bem atendida, uma vez que muito amada acreditamos que ela já é.

A seção “Informes” publica a Mensagem final do Encontro Nacional da Vida Monástica e Contemplativa, evento promovido pela CRB Nacional na Cidade de Aparecida, São Paulo, de 16 a 19 de junho de 2012, cujo tema foi “Identidade, Mística e Missão” e o lema *Nossa pátria é o céu* (Fl 3,20). O Encontro, que reuniu cerca de duzentos monges e monjas de diversos mosteiros e carmelos espalhados pelo Brasil, teve o apoio da CNBB e da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, cujo Prefeito, o Cardeal João Braz de Aviz, fez questão de prestigiar com a sua honrosa presença.

Em seguida, brindamos nossos leitores e leitoras com um pequeno histórico sobre a vida e a obra de São Vicente Pallotti, Fundador dos Padres e Irmãos Palotinos, no momento em que estamos celebrando o Jubileu de sua canonização.

A *Convergência* de setembro traz ainda um emocionante depoimento sobre a Irmã Katherine Popowich, missionária da Congregação Irmãs de São José de Rochester, que faleceu em abril deste ano, com 84 anos de idade e sessenta e seis anos de Vida Religiosa, sendo que a maior parte desse tempo ela passou organizando as comunidades e lutando por uma saúde pública decente para os mais empobrecidos. Tendo ainda presente as provocações feitas pela Campanha da Fraternidade 2012, acreditamos que o testemunho da Irmã Katherine possa servir de inspiração para toda a Vida Religiosa Consagrada no Brasil neste momento.

E como sempre, a *Convergência* traz mais uma vez a seção “Arte e Cultura”, um espaço para tratar de assuntos ligados ao mundo das artes e também da cultura dos nossos dias. Nesta edição voltamos ao tema do celular, um dos ícones mais fortes da chamada “cultura midiática”. Para alguns pesquisadores, esses aparelhos eletrônicos (celular, smartphone e outros similares) já estão viciando as pessoas, até mesmo Religiosos e Religiosas, diga-se de passagem. Temos de admitir que

[...] assim como não estamos isentos dos ou imunes aos vícios tradicionais, também não estamos livres dos novos. Ora, do mesmo modo como temos hoje Religiosos(as) alcoólatras ou fumantes, por exemplo, teremos daqui a pouco (se é que já não existem por aí) Religiosos(as) viciados(as) em qualquer uma das novas tecnologias. Por que não?

Afetuosos abraço,
e boa leitura para todo mundo!

PADRE PLUTARCO ALMEIDA, SJ

Mensagem final do Encontro Nacional da Vida Monástica e Contemplativa

(Aparecida, SP, 16-19 de junho de 2012)
“Identidade, Mística e Missão”

Nossa pátria é o céu (Fl 3,20)

1. Reunidos em Aparecida, lugar privilegiado da manifestação da fé do povo brasileiro, e onde se pode sentir mais de perto a maternidade carinhosa de Maria, por iniciativa da Conferência dos Religiosos do Brasil e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, com o incentivo e aprovação da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, acolhidos calorosamente pela Igreja Local, expressamos nossa alegria e gratidão por esta oportunidade de comunhão e convívio fraterno, reflexão e partilha de experiências, oração e celebração, que nos foram proporcionados. Vemos em tudo isto a solicitude da Igreja para com nossas famílias religiosas.
2. Com o tema *“identidade, mística e missão”* e o lema *“nossa pátria é o céu”* (Fl 3,20), procuramos aprofundar a compreensão de que somos consagrados para responder ao olhar de amor do Senhor por todos nós: *“não fostes vós que me escolhestes, fui eu que vos escolhi”* (Jo 15,16). Somos gratos pelo chamado para a vida monástica e contemplativa, partilhado também por leigos que vivenciam nosso carisma na realidade secular. Reconhecemos que nossa fidelidade a Jesus exige sempre e de novo decisão e empenho, dimensões que marcam o povo de Deus que

caminha na história, buscando corresponder à *vida de cidadãos do céu* (cf. Fl 3,20).

3. Empenhamo-nos por aprofundar a compreensão de nossa vocação particular na Igreja, nossa *identidade, mística e missão*; o sentido de pertença e fidelidade criativa à Tradição de nossas famílias religiosas, a conservação do próprio patrimônio espiritual, a comunhão como possibilidade de experiência real do amor vivido e sua celebração diária na liturgia; a dimensão comunitária da experiência de fé, a corresponsabilidade no que diz respeito ao “*único necessário*” (Lc 10,42), cientes de que “*nosssa pátria é o céu*” (Fl 3,20). Desejamos conservar, alimentar e aprofundar o amor, a fidelidade e a devoção filial à Igreja, ao sucessor de Pedro, em comunhão com a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Possamos, com a graça de Deus, receber a força de tornar visível pelo amor fraterno, a unidade da comunhão trinitária que nos abraça e abençoa. Reconhecemos humildemente a presença entre nós de atitudes contrárias às exigências do seguimento radical de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Fl 3,18-19). Mas também temos a certeza de que Deus escolhe instrumentos frágeis para testemunhar no mundo seu amor (cf. 1Cor 1,27-28), e acreditamos que Sua *misericórdia é grande* (1Pd 1,3).
4. Somos desafiados no cotidiano pelas consequências da *mudança de época* em que nos encontramos. Isso faz com que os critérios de compreensão, os valores mais profundos, a partir dos quais se afirmam identidades e se estabelecem ações e relações entrem em crise. Sentimos tal realidade influenciando e desafiando nossa forma de vida. Desejamos, portanto, que nosso testemunho discreto e simples de amor vivido em todas as suas manifestações, possa ser resposta oferecida por nossas comunidades religiosas ao mundo. Em especial, com a Igreja, através da participação em seu mistério pascal e da ascese e da solicitude orante pela humanidade, suas necessidades e intenções, acolhendo as angústias e dores,

as alegrias e esperanças dos homens e mulheres de nosso tempo.

5. Confiamos na força do amor (cf. Ct 8,6). Por isso, “*com os olhos fixos em Jesus*” (Hb 12,1), vislumbramos um futuro mais harmonioso nas relações entre hierarquia e carisma, dimensões constitutivas da Igreja. Incentivamos uma pedagogia de mútua apreciação, desde os seminários e casas de formação, até a criação de espaços de autêntico diálogo e mútua colaboração.
6. Renovamos nosso compromisso em testemunhar alegremente no silêncio da vida a força da fidelidade a nossos carismas. Por isso, entre expressões antigas e novas de vida monástica e contemplativa, assumimos o desafio de dar continuidade à experiência da gratuidade do amor e da comunhão entre nós e nossas famílias religiosas, vivida nestes dias em Aparecida. Propomo-nos favorecer e fomentar o caminho aqui iniciado, sob as bênçãos da Senhora Aparecida, pois, reconhecemos que da Igreja recebemos a fé e a consagração; e nela, com gratidão e alegria, nos consagramos ao Senhor sem reserva, característica dos *adoradores que o Pai procura*.

DENILSON GERALDO, SAC*

Vicente Pallotti, sacerdote romano, nascido aos 21 de abril de 1795. Ainda muito jovem, demonstrou profundo amor à Eucaristia e a Maria Santíssima. Seus pais, Pedro Paulo Pallotti e Maria Madalena, com sua fé contagiante, despertaram no menino o desejo de viver só para Deus. Cotidianamente, a família se reunia para a oração do santo rosário. As solenidades marianas também eram festejadas com muito carinho. Sua mãe, mulher santa e piedosa, visitava todas as tardes o Santíssimo Sacramento e os altares de Nossa Senhora, nas igrejas próximas de sua casa, no centro de Roma, e levava consigo o pequeno Vicente.

O frequente contato com a vida de oração e a escuta da Palavra de Deus levaram-no a ter um profundo zelo pela causa do Reino. Suscitou também grande amor pela Igreja e pelos irmãos desvalidos.

Ainda com tenra idade, quis dedicar sua vida a serviço de Cristo por meio da Vida Consagrada. Desejava ser capuchinho, mas, por ter característica física franzina, e pelo fato de os franciscanos praticarem ascese muito rigorosa, foi aconselhado pelo seu diretor espiritual, Padre Fazzini, a não ingressar na Ordem. Diante disso, aos 15 anos de idade começou a receber formação para a vida diocesana. Em 1818, foi ordenado sacerdote.

Pallotti consumiu-se totalmente a serviço de Deus e dos irmãos, de tal modo que terminou seus dias de vida, nesta terra, aos 55 anos. Fundou a “União do Apostolado Católico”, uma Associação de padres, religiosos e leigos, unidos para reavivar a fé e reacender a caridade, servindo a Cristo,

* **Padre Denilson Geraldo** é membro do Conselho Provincial da Sociedade do Apostolado Católico (Palotinos) e professor de Direito Canônico em diversas faculdades. Exerce trabalhos pastorais na Arquidiocese de São Paulo.

o “Apóstolo do Pai”. Seu último gesto foi dar o próprio agasalho a um mendigo quando fazia frio e chovia sem parar. Morreu aos 22 de janeiro de 1850. Cem anos depois, em janeiro de 1950, Pio XII o proclamou Bem-aventurado. E João XXIII o canonizou a 20 de janeiro de 1963, durante o Concílio Vaticano II. O processo de canonização comprovou que através de sua pessoa aconteceram milagres, a perscrutação dos corações, a elevação do corpo ao ar e a bilocação. Todos esses fatos não nos deixam duvidar de que São Vicente Pallotti galgara os degraus supremos da mística cristã.

Por isso, a Família Palotina está celebrando o cinquentenário da canonização de São Vicente Pallotti. Para este momento de júbilo a Família Palotina estará realizando uma peregrinação com duas relíquias do Santo Fundador. Começando no dia 25 de maio de 2012, na Paróquia Rainha dos Apóstolos, em São Paulo, o relicário, projetado pelo artista Cláudio Pasto, contendo uma relíquia do seu corpo (relíquia de primeiro grau) e uma estola utilizada por ele (relíquia de segundo grau), irá realizar uma peregrinação por todas as suas comunidades sob a inspiração e o carisma de São Vicente Pallotti. São mais de quinhentos padres, irmãos, irmãs, leigos consagrados e muitas pessoas envolvidas nesta caminhada. Finalmente, no dia 26 de janeiro de 2013 acontecerá uma concentração de todos no Santuário da Mãe Aparecida.

É um momento de festa, ação de graças e compromisso com o carisma recebido de Deus. A presença da Família Palotina na Igreja é para servir a Deus e ao próximo. As celebrações querem reavivar esse ideal para que sejamos um só rebanho e um só pastor.

MARCOS SASSATELLI, OP*

No dia 9 de abril de 2012, segunda-feira, na oitava da Páscoa e primeiro dia do Tempo Pascal, faleceu, na Santa Casa de Misericórdia de Goiânia, a Irmã Katherine Marie Popowich, missionária da Congregação Irmãs de São José de Rochester, com 84 anos de idade e sessenta e seis anos de Vida Religiosa. Ela, cuja vida foi uma caminhada pascal, “completou sua Páscoa”, chegou à Páscoa definitiva, à plenitude da Páscoa.

Na Igreja da Comunidade Jesus de Nazaré do Jardim Curitiba II, durante o velório, na missa de corpo presente e na missa de sétimo dia, ouvimos, emocionados – de pessoas que conheceram e conviveram com a Irmã Katherine –, muitos testemunhos de apreço sobre a Religiosa missionária, os quais nos edificaram a todos(as). Ela era realmente uma pessoa de profunda sensibilidade humana, uma verdadeira discípula missionária de Jesus, que viveu a radicalidade evangélica.

A Irmã Katherine

foi uma das fundadoras da missão das Irmãs de São José de Rochester no Brasil, chegando ao Brasil em 1964, em resposta ao chamado do Papa João XXIII, que convidou Congregações Religiosas para mandar Irmãs para servir na América Latina. Durante 48 anos, ela conviveu com o povo em Paranaíguara, São Simão, Cachoeira Alta em Goiânia-GO, e Uberlândia-MG. Em seu grande amor pela Congregação, ela iniciou os encontros nacionais e internacionais das Irmãs de São José e

* **Frei Marcos Sassatelli** é dominicano. Doutor em Filosofia (USP) e em Teologia Moral (Assunção-SP). Vigário episcopal do Vicariato Oeste da Arquidiocese de Goiânia. Administrador Paroquial da Paróquia Nossa Senhora da Terra. **E-mail:** <mpsassatelli@uol.com.br>.

serviu como membro da diretoria da CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil-GO) nos anos 90.

Chegando ao Brasil, a Religiosa missionária

iniciou seu ministério como professora e diretora nas Escolas Municipais de Paranaiguara, onde a educação ainda se encontrava em fase inicial, e como agente de pastoral na Diocese de Jataí, permanecendo nesta Diocese até 1984, quando foi transferida para Uberlândia-MG. Desde 1989 tem se doado a serviço do povo nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) nos bairros de Nova Esperança, Jardim Curitiba, na região Noroeste da cidade de Goiânia, conhecida como “Alto da Poeira”.

A Irmã Katherine – que era usuária do SUS – foi uma militante apaixonada e grande defensora do Sistema Único de Saúde (SUS), tendo servido no Conselho Municipal de Saúde, por muitos anos, se afastando de suas atividades como Conselheira em dezembro de 2011. Ela serviu como presidente do Conselho Municipal de Saúde de Goiânia, em 2000-2001. Contribuiu para que fosse construída a Maternidade Nascir Cidadão, no Jardim Curitiba III, com uma proposta alternativa de parto humanizado. Lutou também pela Maternidade Dona Íris e pelo CAPS na Vila Mutirão. Ela sempre incentivou os outros usuários e usuárias a participarem do Conselho Municipal de Saúde e de Conselhos locais.

O SUS, que em teoria é um dos melhores planos de saúde pública, na prática – pela falta de infraestrutura adequada, de recursos humanos e financeiros – é ainda muito precário e longe do ideal de saúde pública sonhado pela Irmã Katherine. Mesmo nessas condições, existem nas Unidades de Saúde Pública muitas pessoas (médicos[as], enfermeiros[as] e outros agentes de saúde) que trabalham com dedicação e amor a serviço do povo.

A Irmã Katherine acreditava que é possível uma política de saúde pública fraterna e de qualidade para todos(as). E é por isso que, com muita garra, a Religiosa missionária

ajudou a consolidar o SUS em Goiânia, e a implantar a Maternidade Nascer Cidadão. Fraternidade e saúde pública, diz a Campanha da Fraternidade 2012.

Entre as diversas homenagens que a Irmã Katherine recebeu, a de Madrinha da Maternidade Nascer Cidadão foi a que mais a emocionou. Em sua última entrevista à Prefeitura de Goiânia, ela disse: “Para quem auxiliou na implantação da Maternidade Nascer Cidadão e se dedicou muito a quem precisa, é um grande privilégio poder ser homenageada por Goiânia, e o que é melhor, representando as mulheres da região”.

A Irmã Katherine era uma mulher pioneira, que encorajava, cutucava e incentivava a todos(as). Ela se identificava com a Igreja das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs): uma Igreja simples, fraterna, evangélica, toda ministerial (servidora) e Povo de Deus. Nos últimos tempos, a Religiosa missionária foi a pessoa que mais divulgou o Documento 92 da CNBB: *Mensagem ao Povo de Deus sobre as Comunidades Eclesiais de Base*, resumindo o Documento e traduzindo-o numa linguagem acessível.

A última imagem de Irmã Katherine – diz a Irmã Elenice Buoro – que guardo no coração e na retina é a de uma peregrina subindo com dificuldade, mas com persistência, a rampa do Santuário de Trindade, no dia 27 de outubro de 2011, na caminhada das CEBs, apoiada de um lado numa Irmã e do outro se segurando no corrimão. Imagem certamente do que foi sua vida: uma busca constante e persistente de Deus junto com os irmãos e irmãs, em Comunidade, para fazer acontecer o Reino, sobretudo junto dos mais pobres e excluídos (relato por ocasião do falecimento da Irmã Katherine em Goiânia).

Como falei no velório e na missa de sétimo dia, dentre as muitas virtudes e qualidades da Irmã Katherine destaco três: a *serenidade* de uma mulher de Deus, de muita fé e sempre sorridente; a *firmeza* de uma mulher forte, corajosa, guerreira, uma verdadeira profetisa, que denunciava as situações de injustiça e de violação dos direitos humanos,

mas que também – entranhadamente solidária com os empobrecidos, oprimidos e excluídos – lutava para mudar tais situações; e a *sabedoria* do Espírito Santo, que – fascinada por Jesus de Nazaré e seu projeto de vida – a impelia a estar sempre atenta aos sinais dos tempos como apelos de Deus, e em sintonia com a vida e o sofrimento do nosso povo, o que a tornava capaz de dar o conselho certo na hora certa.

Por ter tido a felicidade de conhecer a Irmã Katherine e de conviver com ela em diversos momentos – o que foi uma experiência muito enriquecedora –, posso, sem nenhuma dúvida, afirmar que a Irmã Katherine é uma santa dos nossos dias e pedir:

Santa Katherine, roga pelo nosso povo! Roga pela Igreja! Roga por nós!

PLUTARCO ALMEIDA, SJ*

A revista *Época* do dia 11 de junho de 2012 trouxe como matéria de capa o seguinte título: “Escravos do celular”. Os dados publicados pela revista revelam, entre outras coisas, que hoje, no Brasil, já existem cerca de 21 milhões de pessoas maiores de quinze anos possuidoras de aparelhos smartphone. O smartphone, para quem ainda não sabe, é um celular sofisticado, com o qual podemos acessar a internet e toda uma série de aplicativos on-line. Na palma da mão, com simples toques na telinha do aparelho acessamos uma infinidade de dados e informações úteis (e outras nem tanto assim...). Digamos que o smartphone seja o elo da cadeia capaz de ligar ou de conectar o ser humano com o planeta quase inteiro. Com um aparelho desses, além de conseguirmos falar com todo mundo, temos a possibilidade também de receber e enviar e-mails, navegar nas redes sociais e até localizar um endereço perdido em qualquer lugar através do sistema GPS.

* **Padre Plutarco Almeida** é jesuíta, jornalista e editor da revista *Convergência*.

Blog: <plutarco-almeida.blogspot.com>.

comum também, mais do que um modismo passageiro, está virando uma doença, “uma dependência difícil de eliminar”, segundo o psiquiatra americano David Greenfield, diretor do Centro para Tratamento de Vício em Internet e Tecnologia, na cidade de West Hartford, Estados Unidos, citado pela revista. A constatação desse especialista diz-nos, portanto, que, assim como o cigarro, o álcool ou qualquer outro tipo de droga lícita ou ilícita, as novas tecnologias também podem viciar. Então, o que era um simples uso, sendo abuso, torna-se uma doença! E como toda doença, é claro, precisa de tratamento.

Por outro lado, Thomaz Wood Jr., em sua coluna “Gestão”, da revista *Carta Capital* (n. 700, de 6 de junho de 2012), analisa a questão do excesso de e-mails que são enviados e recebidos todos os dias, especialmente nas empresas. Por extensão, se quisermos, podemos aplicar o fato também às instituições ligadas direta ou indiretamente à Vida Religiosa Consagrada.

Segundo Thomaz, “algumas empresas começam a discutir o efeito nocivo das mensagens eletrônicas sobre os indivíduos e sobre a produtividade”. Essa preocupação parte da constatação de que a utilização desse recurso nem sempre ajuda a comunicação verdadeiramente humana, aquela que exige muito mais do que alguns *bytes* ou *megabytes*, 3G, 4G, 4S e por aí vai... Para o colunista, na verdade, “o e-mail tornou-se uma praga, mas talvez seja apenas o bode expiatório de uma cultura de trabalho que privilegia a conectividade e a capacidade de reação instantânea, em detrimento da reflexão, do equilíbrio e da capacidade analítica”.

Recordando...

Na *Convergência* de dezembro de 2011 (n. 447, p. 621-626, “O celular está tocando!”), tratamos do mesmo assunto, chamando a atenção da Vida Religiosa para a necessidade de uma reflexão sobre o tema, pois estávamos (e ainda estamos, é claro) convencidos da sua importância.

Como Consagrados e Consagradas, vivemos, neste mundo, mergulhados(as) nessa cultura midiática, por isso mesmo,

assim como não estamos isentos dos ou imunes aos vícios tradicionais, também não estamos livres dos novos. Ora, do mesmo modo como temos hoje Religiosos(as) alcoólatras ou fumantes, por exemplo, teremos daqui a pouco (se é que já não existem por aí) Religiosos(as) viciados(as) em qualquer uma das novas tecnologias. Por que não?

Concluímos, então, aquele texto falando da liberdade fundamental que o cristão deve ter diante das coisas deste mundo e dizendo “que esse exercício de liberdade cristã diante dos rituais quase obsessivos que a sociedade tecnologicizada quer nos impor poderá resultar num crescimento humano e espiritual nosso e da VRC em geral”.

Insistindo...

Quase um ano depois, voltamos a propor esta reflexão. Pedimos perdão se por acaso nossos(as) leitores(as) já se cansaram ou estão simplesmente “carecas de saber”..., mas ainda acreditamos que é preciso colocar a questão do uso do smartphone (e/ou do celular) numa mesa de discussão. Desconfiamos que o assunto talvez nunca tenha entrado na pauta das nossas reuniões comunitárias, ou tenha sido citado, uma ou outra vez, por conta de algum caso concreto, geralmente negativo, surgido na Comunidade. Para muitos(as) coordenadores(as) de Comunidades Religiosas, o tema é até mesmo insignificante, por isso não merece lugar ou não vale a pena perder tempo com discussões sobre ele. Reflexão, discernimento? Pior ainda! Na VRC, cada qual vai vivendo a sua vida do jeito que acha melhor, ou da maneira que a sociedade diz que tem de ser! Se o Religioso ou a Religiosa, na formação ou depois dela, possui um aparelho celular (e/ou smartphone) e dele não se desgruda “nem que a vaca tussa”(!), qual é o problema, afinal? Se o uso que ele(a) faz dessa tecnologia é assim ou assado..., pouco importa! Cada qual fica na sua e ninguém se mete na vida de ninguém! Assim, a VRC vai descendo a ladeira..., perfeitamente conectada, plugada no que há de mais sofisticado em termos de tecnologia da comunicação. E ainda tem gente

por aí que, ao exhibir os seus aparelhinhos maravilhosos, creê firmemente que é um(a) Religioso(a) “moderno(a)”.

Retrógrados?...

Tudo bem! Corremos o risco de ser tachados aqui de retrógrados, antiquados, conservadores ou “jurássicos”(!), até. Apesar disso, vamos continuar insistindo na necessidade de a Vida Religiosa colocar este e outros temas da atualidade sobre a mesa de discussão. O nosso objetivo, porém, é bem modesto. Não queremos apontar soluções mágicas ou entregar ao(à) leitor(a) receitas prontinhas. Queremos, sim, que o assunto não passe batido, ou que as pessoas responsáveis pela coordenação e animação da VRC continuem achando que está tudo bem ou, o que é bem pior, convençam-se de que não há nada a fazer. Pelo contrário, acreditamos que tudo está por fazer!

Façamos uma roda...

Este pequeno texto é apenas uma “pincelada” que pode dar início à confecção de um grande, e oxalá, belo quadro. Trata-se de uma humilde proposta de reflexão que deseja ser, na verdade, uma espécie de “pontapé inicial”, ou, se quiserem, uma pequena “alfinetada”, não no corpo, mas na consciência dos Religiosos e das Religiosas, especialmente aqueles e aquelas que têm sob a sua responsabilidade as casas de formação, assim como a VRC em geral.

Chega de covardia e omissão! Sejamos mais corajosos e assumamos uma atitude mais proativa em relação ao assunto. Não vamos fingir que “tudo é normal”, ou assumir que “são coisas da Modernidade”, como se os critérios do mundo fossem um ditador das nossas vidas.

Ora, se cuidamos com todo amor e carinho de nossos(as) irmãos(ãs) escravizados(as) pelo álcool, pelo cigarro e outras drogas, e providenciamos para eles(elas) um tratamento terapêutico adequado, por que razão não faríamos também a mesma coisa com relação aos novos vícios?

Contudo, antes de chegarmos a esse ponto, ou mesmo para evitar que algum irmão ou irmã chegue a esse ponto, o ponto dramático do vício, podemos, sim, fazer uma roda e conversar COM, EM e NA Comunidade Religiosa sobre celulares, smartphones, e-mails e tudo o mais que nos atinge de uma forma ou de outra.

Mas que essa roda seja, de fato:

- a roda da *sinceridade*, aquela sinceridade que facilita o *diálogo* e o torna sempre mais verdadeiro;
- a roda do *discernimento*, discernimento imprescindível para uma VRC que se pretende saudável no presente e no futuro;
- a roda do *bem-querer*, o bem-querer que nos une, apesar das nossas diferenças e imperfeições.

Grifamos essas palavras porque nos parece que, se não as realizarmos concretamente em nossa VRC, não será mais possível afirmar que em nossas casas temos vida, muito menos religiosa, no sentido autêntico do termo.

A Palavra de Deus e suas interpelações para a Vida Religiosa Consagrada na Amazônia hoje

531

ARTIGOS

ZENILDA PETRY, IFSJ*

Introdução

Refletir e praticar a Palavra de Deus, anunciar e ouvir a proclamação e suas interpelações, eis a grande convocação e esperança para a Vida Religiosa Consagrada hoje, de modo especial a que entrega sua vida pela causa do Reino em regiões de fronteiras. A Vida Religiosa na Amazônia, mais do que nunca, está interpelada a fazer da Palavra de Deus a estrela guia de seu horizonte de vida e missão. E, felizmente, a Palavra vai fazendo seu percurso nesta vasta Amazônia, marcada pela pujança das florestas, pela fartura das águas, por uma natureza agraciada por Deus, que caracteriza, de forma peculiar, o povo que nela habita. A cultura miscigenada de nosso povo apresenta um colorido muito especial, com expressão de arte e beleza, que dá origem a uma compreensão de mundo original, específica e misteriosa. A relação com o sagrado faz-se nesse contexto, a sensibilidade e atenção à Palavra mergulham nessas águas e florestas.

Por outro lado, os gritos que ecoam deste chão pedem ouvidos atentos e respostas urgentes de quem se arrisca a fazer uma caminhada conjunta e comprometida. A natureza rica e desafiante está marcada por problemas e questões o mais diversas possível, causadas pelos próprios seres humanos, que nela veem não apenas uma oportunidade de colaborar com o desenvolvimento diversificado, mas um meio de exploração sem limites, de cobiça e apropriação gananciosa, utilizando estratégias que manipulam, depredam e marginalizam, desrespeitando valores e direitos inalienáveis. E

* **Irmã Zenilda**

Luzia Petry é

Religiosa da Congregação das Irmãs Franciscanas de São José. Biblista e assessora de movimentos pastorais e sociais, integra a Equipe de Reflexão Bíblica (ERB) da CRB Nacional.

deparamo-nos com questões de agressão ao meio ambiente, nas formas mais perversas. A mulher e o homem da terra, que nela nasceram e dela cuidam, são ignorados, desrespeitados e usados por poderosas forças que os oprimem, quando não matam ou expulsam. A riqueza do solo, das águas, das florestas, da biodiversidade torna-se alvo de cobiça, apropriação indébita, devastadora, numa busca desenfreada por extrair riquezas sempre maiores, em benefício de empresas nacionais e transnacionais.

É nesta realidade que a VRC é interpelada a viver e anunciar a Palavra, entregar sua vida, até o martírio se preciso for, em fidelidade à sua vocação e missão.

1. Experiências de vivências e serviços à Palavra

Inicialmente, trago uma partilha despreziosa, fruto da experiência de aproximadamente vinte anos na Amazônia, muitos deles dedicados à escuta e contemplação pessoal da Palavra de Deus, bem como à assessoria bíblica em cursos de formação para lideranças populares. Outro espaço de partilha tem sido a VRC, que busca a centralidade da Palavra de Deus em sua vida e missão. Mais que um artigo, fruto de leituras e estudo aprofundado, trata-se de testemunho e certeza de que a Palavra de Deus é luz e força na caminhada e, dinamicamente, continua trazendo profundas interpelações para a VRC, com especificidades para a VR na Amazônia, hoje.

- Narrado por um pescador que participa das escolas bíblicas em Santarém-PA,¹ às quais presto assessoria: “Uma comunidade, sentindo que a pesca já se tornava mais difícil, se perguntava se o modo como estavam trabalhando e vivendo era sustentável, se era o melhor para a preservação daqueles bens que Deus lhes tinha concedido: rios, lagos, igapós, peixes e outros animais... Então, depois de várias reuniões e de reflexão sobre a realidade do lugar, à luz da Palavra de Deus encontraram uma alternativa: ‘Vamos deixar o lago do Socoró descansar por um tempo! Enquanto o lago descansa, pescaremos no rio e em outros

1. A Diocese de Santarém, em seu processo de dinamização missionária, traçou como meta a implantação de escolinhas bíblicas em todas as comunidades. Para tanto, uma vez ao ano reúne os multiplicadores da Palavra para dias de estudo e prática dos roteiros especialmente preparados para as escolinhas.

lugares da nossa comunidade’. Montaram uma vigilância de dia e de noite para que nenhuma pessoa invadisse aquele lugar. Passados três anos e o tempo da desova daquele ano, as famílias fizeram uma primeira pesca, tendo como critério soltar todos os peixes com menos de dois quilos e meio. No primeiro dia, as trinta famílias pescaram dez toneladas de peixe. Ao final de dez dias, pescaram cinquenta toneladas somente naquele lago!”.

- Relendo Gênesis, capítulos 2 e 3, a narrativa da criação e do pecado, os participantes da primeira etapa do curso bíblico, em Santarém, em encenações, atualizaram os textos dizendo que Deus criou o paraíso chamado Amazônia e pôs nele os homens e as mulheres, que também andavam nus e passeavam com Deus nas florestas à brisa da tarde. Aos poucos, foram chegando serpentes que seduziram as pessoas e fizeram com que fossem expulsas do paraíso. Essas serpentes eram, para uns, a Cargill, e, para outros, o latifúndio, as barragens, o agronegócio, as mineradoras e várias outras, que vão seduzindo os povos da Amazônia.
- Em 2011, a CRB Regional de Belém realizou sua assembleia tendo com tema “A Palavra de Deus na Amazônia: gemidos e desafios, luzes e esperanças”. Dada a importância do tema, foi feita também uma assembleia aberta aos leigos. O evento reuniu mais de quatrocentas pessoas, entre Religiosas, Religiosos e leigos. Animada pelo Zé Vicente, iluminada por conferências e mesas de profundidade e abrangência, tudo perpassado por arte, liturgia e poesia, a VR vibrou, emocionou-se, denunciou, animou-se e convenceu-se de que seu revigoramento, encantamento, profecia e missionariedade provêm da centralidade da Palavra de Deus, vivida no concreto de sua vida e missão. Leigos e leigos vibravam e afirmavam que é de tal testemunho de VR que a Igreja e o mundo necessitam.

Assim, a Palavra de Deus está presente em nossa *Amazônia*, que geme em dores de parto, na firme esperança de que a vida vencerá, apesar das serpentes ameaçadoras.

2. A Natureza como lugar do encontro com Deus

A criação é o primeiro livro que Deus escreveu e, no bioma amazônico, este livro fala por si mesmo. Basta olhar o céu, as águas, as plantas, os animais, os minerais, as pessoas. O relato da criação, no Gênesis, repete com insistência que, quando Deus criou o mundo com sua Palavra e com o alento de sua boca, expressou satisfação dizendo *que era bom* (cf. Gn 1,21), e quando criou o ser humano, homem e mulher, disse *que era muito bom* (cf. Gn 1,31). Certamente, quando criou a Amazônia, esta reserva especial de vida, ficou muito satisfeito e viu que havia construído a sua principal morada.

Na cultura amazônica, o território é o espaço da vida, é casa, é berço, é útero gerador, é também morada final. Águas, terras, árvores, pássaros e animais fazem parte de uma realidade sagrada. São sinais da presença do Criador e de sua ação amorosa, com a qual estamos em permanente contato e convivência.

O ser humano participa desse mistério de vida. Recebe vida de cada elemento e com cada elemento compartilha a vida. Essa visão holística é fundamental para que possamos viver o mistério da vida e viver em harmonia neste chão. Sem essa visão sagrada vão prevalecer os projetos da exploração dos recursos naturais e humanos, em vista do lucro de alguns, numa agressão blasfema ao meio ambiente. A mercantilização da vida (vida humana, biodiversidade, da Mãe Terra) configura-se, hoje, como o grande “pecado original” que está na *origem* dos mais diversos males que ameaçam a vida no planeta, com sérios agravantes na Amazônia.

Outro elemento importante diz respeito às relações de reciprocidade, de participação, não de submissão ou de domínio. Esse modo de encarar a natureza faz assumir a terra como relação de convivência, de trabalho, de sobrevivência e não de domínio onde se crê poder fazer o que se quer, como um direito inquestionável de posse. A terra não pode ser “prostituída” de acordo com os interesses de produção, de comercialização, de lucro. Perdendo esse equilíbrio e

esse horizonte, a criação, como dom de Deus, transforma-se em fonte de mercantilização da vida. E a vida dos pobres, dos povos originários dos ribeirinhos, transforma-se em objeto descartável.

3. A Palavra de Deus é criadora

O relato de Gn 1 é um testemunho da força criadora da Palavra. Sua Palavra é *DABAR*, pronuncia e realiza, fala e age. *E Deus disse: haja luz... e houve luz* (cf. Gn 1,3). A criação leva a marca do Criador e deseja ser libertada e *participar na gloriosa liberdade dos filhos de Deus* (cf. Rm 8,21). *A vossa Palavra poderosa criou tudo* (cf. Sb 9,1). Essa Palavra, na plenitude dos tempos, veio habitar entre nós, é uma pessoa, uma pessoa pobre, missionária, que entregou sua vida por amor.

Como discípulos e discipulas de Jesus, como pessoas consagradas, sentimo-nos convidados(as) a dar graças pelo dom da criação, reflexo da sabedoria e da beleza do Deus Criador. No desígnio maravilhoso de Deus, o homem e a mulher são convocados a viver em comunhão com ele, em comunhão entre si e com toda a criação. O Deus da vida encomendou ao ser humano sua obra criadora para que *a cultivasse e a guardasse* (cf. Gn 2,15).

Jesus conhecia bem a preocupação do Pai pelas criaturas que ele alimenta (cf. Lc 12,24) e embeleza (cf. Lc 12,27). E enquanto andava pelos caminhos de sua terra, não só se detinha para contemplar a beleza da natureza, mas também convidava seus discípulos [e discipulas] a reconhecer[em] a mensagem escondida nas coisas (cf. Lc 12,24-27; Jo 4,35). As criaturas do Pai dão glória [a Deus] “com sua existência mesma”, e por isso o ser humano deve fazer uso delas [da criação] com cuidado e delicadeza.²

4. Ameaças à criação

A criação tão bela e tão cheia de significado, nossa Amazônia, tão exuberante e fascinante, sofre ameaças que vão crescendo na medida em que avança a expansão da conquista

2. *DAP*, n. 470.

por novas terras e novos *projetos*. São ações humanas que desumanizam e destroem a criação.

Tomemos alguns documentos da Igreja que chamam a atenção para as graves ameaças, suas causas e consequências:³

A riqueza natural da América Latina e do Caribe experimenta hoje uma exploração irracional que vai deixando um rastro de dilapidação, inclusive de morte por toda a nossa região. Em todo esse processo, tem enorme responsabilidade o atual modelo econômico, que privilegia o desmedido afã pela riqueza, acima da vida das pessoas e dos povos e do respeito racional da natureza. A devastação de nossas florestas e da biodiversidade mediante uma atitude predatória e egoísta envolve a responsabilidade moral dos que a promovem, porque coloca em perigo a vida de milhões de pessoas, em especial do hábitat dos camponeses e indígenas, que são expulsos para as terras improdutivas e para as grandes cidades para viverem amontoados nos cinturões de miséria. Nossa região tem necessidade de progredir em seu desenvolvimento agroindustrial para valorizar as riquezas de suas terras e suas capacidades humanas a serviço do bem comum. Porém, não podemos deixar de mencionar os problemas que uma industrialização selvagem e descontrolada causa em nossas cidades e no campo, e que vai contaminando o ambiente com todo tipo de dejetos orgânicos e químicos. Da mesma forma é preciso alertar a respeito das indústrias extrativas de recursos que, quando procedem de maneira a controlar e neutralizar seus efeitos danosos sobre o ambiente circundante, produzem a eliminação das florestas, a contaminação da água e transformam as regiões exploradas em imensos desertos.⁴

Nas decisões sobre as riquezas da biodiversidade e da natureza, as populações tradicionais têm sido praticamente excluídas. A natureza foi e continua sendo agredida. A terra foi depredada. As águas estão sendo tratadas como se fossem mercadoria negociável pelas empresas, além de terem sido transformadas num bem disputado pelas grandes potências. Exemplo muito importante nessa situação é a Amazônia.⁵

Em seu discurso aos jovens, no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, o Papa Bento XVI chamou a atenção sobre a “devastação

3. Na Assembleia da CRB Regional de Belém, Dom Esmeraldo de Farias, então bispo de Santarém e referencial da VRC, em sua conferência “*A Palavra de Deus é viva, se faz vida e dá vida na Amazônia*”, situou a temática no contexto maior da Igreja da América Latina. Trazemos aqui alguns ecos dessa conferência.

4. *DAp*, n. 473.

5. *DAp*, n. 84.

ambiental da Amazônia e as ameaças à dignidade humana de seus povos” e pediu aos jovens “um maior compromisso nos mais diversos espaços de ação”.⁶

A crescente agressão ao meio ambiente pode servir de pretexto para propostas de internacionalização da Amazônia, que só servem aos interesses econômicos das corporações internacionais. A sociedade pan-amazônica é pluriétnica, pluricultural e plurirreligiosa. Nela, cada vez mais, se intensifica a disputa pela ocupação do território. As populações tradicionais da região querem que seus territórios sejam reconhecidos e legalizados.⁷

5. Interpelações à Vida Religiosa Consagrada

Uma das Proposições ao Sínodo (p. 24) sobre a Centralidade da Palavra de Deus na Vida e Missão da Igreja afirma: “A Vida Consagrada nasce da escuta da Palavra de Deus e acolhe o Evangelho como sua norma de vida. Na escola da Palavra, redescobre continuamente a sua identidade e converte-se em ‘evangélico testemunho’ para a Igreja e para o mundo”.

Essa afirmação, de que a VRC nasce da escuta da Palavra de Deus, perpassa todos os documentos e discursos atuais da Igreja sobre a Vida Consagrada. Além da forma de Vida Consagrada instituída na Igreja, organizada em inúmeras Congregações, “cada carisma é uma palavra evangélica que o Espírito Santo recorda à sua Igreja” (cf. Jo 14,26), como bem reafirmou Bento XVI, na sua visita a um mosteiro em Madri, na Jornada Mundial da Juventude.

É óbvio que não só a VRC como tal é gerada pela Palavra, senão que toda a vida cristã é nutrida pela escuta da Palavra de Deus. Contudo, cabe à VRC a dimensão da radicalidade, de estado de vida. Radicalidade evangélica é estar “enraizados e edificados em Cristo, e firmes na fé” (cf. Cl 2,7), que é ir à raiz do amor a Jesus Cristo com um coração indiviso, puro, simples e obediente, sem nada a contrapor a esse amor.

Diante do relativismo da sociedade atual, dos contravalores apreçados como absolutos, mais do que nunca somos

6. *DAp*, n. 85.

7. *DAp*, n. 86.

convocadas(os) à radicalidade evangélica como uma forma própria de vida. E a VRC na Amazônia será profética e missionária na medida em que se nutrir da Palavra e for fiel aos seus valores.

Daí a urgência de uma renovada escuta e adesão à Palavra de Deus, que leva ao encontro pessoal com Jesus, fundamento de toda vida cristã, necessidade absoluta para as pessoas que assumem a *consagração religiosa* como modo de vida. A Palavra deve revelar-se em nós, modelar-nos em criaturas novas, com toda a sua força transformadora, com toda a sua ética e beleza, sua utopia e sabor, gerando pessoas e comunidades alternativas, sinais do Reino de Deus com o qual todas e todos sonhamos e para o qual caminhamos.

5.1. Um pouco de memória

Olhando nossa trajetória, a VRC sempre buscou a inspiração de sua vida e missão na Palavra de Deus. Desde os primórdios, desde os fundadores e as fundadoras, até nossos dias, as pessoas que optam por esta forma de vida têm-se nutrido da Palavra, buscando saboreá-la por meio da meditação diária, da reflexão, da leitura orante, da liturgia das horas, feita de recitação de salmos, além da Eucaristia, centrada na Palavra de Deus. A profunda renovação da Vida Consagrada e a sua própria sobrevivência dependerão do lugar que dermos à Palavra em nossa vida e missão.

Quando a VRC vive centrada na Palavra, ela vai deixando marcas muito profundas na história, gerando pessoas novas e novas comunidades, pessoas e comunidades místicas e proféticas. Olhemos para tantas figuras de nossa história passada e recente. Além de todos os Santos Fundadores e Fundadoras, olhemos um pouco para a história mais recente da VRC na Amazônia, tão dinâmica, tão fecunda e tão cheia de perplexidades e desafios. Olhemos para Irmã Dorothy, que portava a Sagrada Escritura como sua arma. Contemplemos as vidas doadas na imensa Amazônia. Padre Benjamim Morando, inspetor salesiano da Província de Manaus, que, acompanhando o conselheiro-geral para as missões, faleceu em consequência de sua viagem

missionária.⁸ Acompanhemos a trajetória de Dom Erwin Kräutler, marcado para morrer por sua incansável defesa dos povos originários, por sua profecia incômoda e por sua luta contra o megaprojeto de Belo Monte. Reverenciamos, especialmente, o silêncio doado, as ações resistentes, a presença fecunda de tantas Religiosas que vivem no anonimato, circulando por entre igarapés e estradas vicinais, por aldeias indígenas e povoados isolados, nas periferias das grandes e pequenas cidades, sempre fiéis à sua consagração, nutridas pela força e ternura da Palavra.

5.2. Luzes e esperanças

A Palavra Sagrada convida-nos a continuar trabalhando com empenho a fim de que sejamos testemunhas daquele que derramou o seu sangue para a libertação do mundo. Fazendo a experiência do encontro com Jesus, Verbo Encarnado e Ressuscitado, a VRC deve contribuir para uma nova visão da vida na Amazônia que implica um novo (ou o mais antigo) modo de ver e conceber o território e o ambiente, a natureza, as relações, a propriedade, a produção.

Junto com os povos originários da América [Amazônia], louvamos ao Senhor que criou o universo como espaço para a vida e a convivência de todos os seus filhos e filhas e no-los deixou como sinal de sua bondade e de sua beleza. A criação também é manifestação do amor providente de Deus; foi-nos entregue para que cuidemos dela e a transformemos em fonte de vida digna para todos. Ainda que hoje se tenha generalizado maior valorização da natureza, percebemos claramente de quantas maneiras o homem ameaça e inclusive destrói seu “hábitat”. “Nossa irmã a mãe terra” é nossa casa comum e o lugar da aliança de Deus com os seres humanos e com toda a criação. Desatender as mútuas relações e o equilíbrio que o próprio Deus estabeleceu entre as realidades criadas, é uma ofensa ao Criador, um atentado contra a biodiversidade e, definitivamente, contra a vida. O discípulo e missionário, a quem Deus confiou a criação, deve contemplá-la, cuidar dela e utilizá-la, respeitando sempre a ordem dada pelo Criador.⁹

8. Padre Benjamim faleceu no dia 5 de maio de 2012, após ter amputada uma perna em virtude de uma trombose causada por dez dias de viagem pelo Alto Solimões numa voadeira.

9. *DAP*, n. 125.

A Palavra é fonte inspiradora da Vida e da Missão da VRC. As pessoas consagradas, assim como toda a Igreja, compreendem-se discípulas da Palavra. O método da leitura orante tem sido um caminho privilegiado.

Entre as muitas formas de se aproximar da Sagrada Escritura existe uma privilegiada à qual todos somos convidados: a *Lectio divina* ou exercício de leitura orante da Sagrada Escritura. [...] Com seus quatro momentos (leitura, meditação, oração e contemplação), a leitura orante favorece o encontro pessoal com Jesus Cristo [...].¹⁰

Não prescindindo do acadêmico, a VRC faz uma leitura orante, uma leitura de fé comprometida, uma leitura comunitária da Palavra, que é mais do que ler e rezar juntas, mas construção de novas relações comunitárias, de manter nossos olhos fixos em Jesus, *fazendo tudo o que ele nos disser* (cf. Jo 2,5).

Com a ênfase na centralidade da Palavra de Deus, foco a ser perseguido por toda a VR, é possível dar passos inovadores e revitalizar nossa missão. Fica-nos o desafio de permitir que a Palavra nos modele, forme nossa consciência, estabeleça as referências de nosso ser e agir.

5.3. Caminhos que nascem da Palavra acolhida e vivenciada

A partir do que foi refletido e partilhado, algumas das maiores interpelações da Palavra de Deus para a VRC na Amazônia hoje poderiam ser assim formuladas:

- Acolher e vivenciar a Palavra de Deus de tal modo que o Mistério da Encarnação e da Páscoa de Jesus Cristo sejam a força que dá sentido à nossa vida e à missão que dele recebemos, para viver o seu seguimento, aqui na Amazônia.
- Ajudar nossos povos e comunidades a descobrir e preservar o dom da criação, sabendo contemplá-la e cuidar dela como casa de todos os seres vivos e matriz da vida do planeta, exercitando responsabilmente o senhorio humano, sobre a terra e sobre os recursos, privilegiando um estilo de vida de sobriedade e austeridade solidárias.

10. *DAp*, n. 249.

- Intensificar e aprofundar a presença religiosa pastoral nas populações mais frágeis e ameaçadas pelo desenvolvimento predatório e apoiá-las em seus esforços para conseguir uma equitativa distribuição da terra, da água e dos espaços urbanos.
- Procurar um modelo de desenvolvimento alternativo integral e solidário, baseado em uma ética que inclua a responsabilidade por uma autêntica ecologia natural e humana, fundada no evangelho da justiça, da solidariedade e do destino universal dos bens, superando a lógica utilitarista e individualista, sem critérios éticos.
- Empenhar nossos esforços na promulgação de políticas públicas e participações cidadãs que garantam a proteção, conservação e restauração da natureza.
- Alertar quem mora na Amazônia, a partir do lugar onde residimos e trabalhamos, para a nossa parcela de responsabilidade na defesa da Amazônia com seus povos e sua biodiversidade.

Para isso, é preciso estar atentas(os) ao sopro inovador do Espírito que nos recorda que:

1. A VRC da Amazônia e de toda a Igreja necessita voltar às suas origens, não necessariamente às origens históricas passadas, mas ao que dinamicamente *origina uma VRC: a Palavra de Deus*. Não se trata de obter mais conhecimentos bíblicos, ainda que muito úteis e necessários, mas de fazer acontecer a força criadora, geradora e transformadora da Palavra de Deus.
2. A grande contribuição dada pela VR do Brasil foi a adesão à metodologia da leitura bíblica orante a partir da realidade, a partir da vida. A realidade, especialmente a amazônica, é algo muito complexo e ninguém pode pretender ter o conhecimento total dela. Mas cabe à VR dar-lhe um sentido próprio, olhar com o olhar de Deus e apontar para os valores evangélicos, responder à ânsia pelo absoluto, ser referência de relações humanizadoras.
3. O Projeto “Tua Palavra é Vida” foi uma das iniciativas mais significativas da caminhada da Vida Religiosa do

Brasil. Deu sustento sólido à VR, especialmente a mais desprovida de outras oportunidades formativas, como a que se vive na Amazônia. Hoje, vivemos o desafio de remar mar adentro para ter a Palavra de Deus como referência fundamental da nossa vida e missão. O desafio é que o sussurro da Palavra não desapareça entre os tantos ruídos que rondam a VR, também na Amazônia. Em vez de a VRC ser a loucura que Deus escolheu para confundir o mundo,¹¹ a VR sofre a ameaça de deixar-se confundir pela loucura do mundo.

4. A leitura orante, herança da VRC, continua a brilhar, como luz no horizonte, a encher-nos de esperanças. Reaprender sempre de novo a metodologia pode contribuir para que a semente da Palavra finque suas raízes, mais profundamente, em nossas vidas, neste chão amazônico que pisamos.

Que nossa vida seja toda tecida pelos fios dourados tirados da Escritura Sagrada e, assim, possamos navegar para águas mais profundas desta nossa imensa Amazônia, em nossa ousada busca de saciar nossa sede nas fontes da vida plena.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. A criação foi o primeiro livro que Deus escreveu e, no bioma amazônico, este livro fala por si mesmo. Os apelos que nos chegam da Amazônia têm repercutido de alguma forma em nossas Congregações e Institutos?
2. As pessoas consagradas, assim como toda a Igreja, compreendem-se discípulas da Palavra. Em nossa vida pessoal e comunitária, estamos verdadeiramente nos deixando guiar/questionar pela Palavra de Deus no dia a dia da nossa missão?
3. Guiados pela Palavra, o que poderíamos fazer de concreto para solidarizarmo-nos com as lutas dos povos amazônicos?

11. Tema do seminário da CRB Nacional realizado em Itaici, São Paulo, de 23 a 27 de fevereiro de 2012.

As organizações religiosas e o desafio das estruturas mais ágeis e leves

543

RAIMUNDO BARROS*

Introdução

Podemos dizer que vivemos numa sociedade baseada na estrutura de organizações, e estas são unidades sociais intencionalmente construídas e reconstruídas para atingir objetivos específicos, atribuindo alto valor ao racionalismo, à eficiência e à competência.

Essas organizações podem ser classificadas das mais variadas formas, de acordo com o modelo analítico utilizado, mas é consenso entre muitos que todas elas passam por ciclos no seu desenvolvimento institucional. Esses ciclos ajudam na compreensão de diversos fenômenos (cultura, estrutura operacional, relações comunitárias etc.) que marcam a trajetória das organizações e ajudam na busca por uma administração que resulte no alcance dos objetivos estabelecidos.

Assim, pensar o desafio de estruturas mais leves exige da Vida Religiosa um processo dinâmico de atualização e criatividade que garanta eficiência operacional, dentro do modo próprio de conceber a missão institucional-carismática.

É preciso competência para alcançar uma boa administração.

Santos de casa

As organizações religiosas nasceram do ideal de seus fundadores e suas atividades são voltadas para a ação e o serviço

* **Irmão Raimundo Barros** é jesuíta, licenciado em Pedagogia, especialista em Gestão de Negócios e Projetos Sociais, mestre em Administração, economista da Província do Nordeste da Companhia de Jesus.

Endereço do autor: Av. Leovigildo Filgueiras, 586, Garcia, CEP 40.100-000, Salvador-BA.
E-mail: <irbarros@uol.com.br>.

da Igreja, que, por sua vez, “constitui predominantemente um corpo conservador” (Becker, 1967, p. 249).

Becker, ao tratar dos tipos de organizações religiosas, apresenta a Igreja como uma estrutura social remotamente análoga à nação ou ao Estado. É uma estrutura social completa, com padrão de pluralidade e que forma seus membros “para que observem a conformidade em pensamento e prática, preparando-os para o exercício dos direitos religiosos que herdaram” (Becker, 1967, p. 249).

As atividades dessas organizações estão diretamente ligadas ao serviço religioso e estruturadas de forma que todos os membros possam assumir, individual ou coletivamente, o ideal fundacional. A ligação com o serviço religioso não implica, necessariamente, uma atuação meramente eclesial, mas compreende também a atuação nos mais diversos setores da sociedade, buscando o anúncio dos valores, princípios e ética humanista-cristã.

A partir dessa compreensão, tanto a estrutura organizacional como as opções de atuação passam a ser vistas dentro de um conjunto harmonizado pelo ideal cristão e, mesmo que os modelos de governo e gestão dessas organizações sejam diversos, possuem um elemento unificador, que é a observação das orientações dadas pela Igreja.

Muitas dessas organizações estão atuando em diversos países, podendo ser consideradas como transnacionais. Possuem um governo centralizado na figura de um superior-geral e têm passado por muitas transformações ao longo dos anos, tendo como consequências mudanças de paradigmas históricos, mudanças estruturais e novas definições do modo de atuação profissional de seus membros.

Mendes e Silva (2006) dizem que as transformações pelas quais as organizações religiosas passaram, e estão passando, podem ser comparadas àquelas observadas no cotidiano “secular”, cujos objetivos são centrados no tripé qualidade–produtividade–eficiência.

A busca desse tripé pode ter motivação nas transformações do mundo do trabalho, resultante de uma política de

mercado que também atinge as organizações religiosas, exigindo dedicação, competência e eficiência nas atividades desenvolvidas pelos Religiosos.

Dessa forma, os Religiosos sofrem exigências de uma maior flexibilidade nas atividades, competências múltiplas, jornadas de trabalho cada vez maiores, decisões rápidas e dinâmicas, culminando numa maior produtividade.

Hoje, as organizações religiosas estão diante do problema da reorganização, e esta não é uma tarefa fácil, não raro é dolorosa, para a qual se exige estudo e discernimento.

Essa reorganização precisa salvaguardar o sentido próprio do carisma inicial, promover a fraternidade e atender para as necessidades da Igreja tanto universal como particular. É o desafio da busca por estruturas mais eficientes no desenvolvimento das atividades, capazes de responder às novas demandas existentes.

Coisas para lembrar

Assim como os seres humanos, que passam ao longo de suas vidas por diversos ciclos/fases, as organizações também experimentam essa mesma lógica e são marcadas pela mudança, a qual pode ser mais ou menos perceptível, quantitativa e/ou qualitativa, estrutural, cultural, mas que traz consigo, como característica unificadora, a ideia de crise.

A existência da crise demarca momento de reestruturação das organizações e prepara para uma nova fase. Deve ser transitória, tratada como oportunidade de atualização, de crescimento, e necessita da participação de todos que compõem as organizações, de tal forma que a fase seguinte seja encarada como desafio e não como freio ao desenvolvimento.

Do ponto de vista do desenvolvimento das organizações, são apontadas quatro fases: pioneira, expansão, maturidade ou estagnação e flexibilização. Cada fase, assim como na vida humana, não tem um ponto inicial e um ponto final claramente estabelecidos, exigindo de todos uma percepção

da vida na organização que garanta captar as características de transição/crise dentro de um espaço o mais objetivo possível.

Captar as características de transição/crise não é tarefa simples, pois implica um engajamento na vida da organização, um comprometimento afetivo com as atividades e pessoas, um olhar atento às sutilezas que emergem no ciclo de vida organizacional.

Assim, mais do que se fixar nas fases, que estão separadas, mais como esforço metodológico, para compreensão, é fundamental buscar entender a organização como um todo orgânico, inter-relacionado com diversos outros atores sociais e que deve atuar a partir dos objetivos fundacionais.

A primeira fase – *pioneira* – marca o início da organização e tem como característica em relevo o ímpeto fundacional. É um tempo de alta capacidade de inovação, de muita improvisação, fácil controle, poucas tarefas e um espírito empreendedor marcando todas as ações.

Do ponto de vista das organizações religiosas, é o tempo dos grandes sonhos e do desejo de um mundo mais humanizado, tempo de adesão a um projeto nascente, embalado pela alegria e vibração mais do que pela organização formal. Tempo, também, de dificuldades por conta do próprio iniciar um novo empreendimento, tempo da falta de apoio, de riscos e de uma alta dose de resignação.

Na fase pioneira, os fundadores são os que trazem a visão, a chama da ação transformadora para o grupo. Os carismas de cada um atraem novos membros e o sentimento imperante é o de uma família. A hierarquia é muito simples, com poucos níveis hierárquicos, quando não apenas dois: o(a) fundador(a) e os demais.

Nessa fase a liderança é autocrática, centrada na pessoa fundadora, e há um forte sentimento de lealdade para com o(a) fundador(a) e a iniciativa começada. O foco é voltado para a ação imediata ao público-alvo e as dificuldades são enfrentadas com criatividade e rapidez, mantendo o grupo motivado.

A segunda fase é a de *expansão*. Passada a fase inicial, onde o “espírito desbravador” alimentava os corações e mentes,

nutrindo fortemente todos os membros da organização, o crescimento das atividades leva à necessidade de expansão.

Esta fase marca o cumprimento dos *propósitos* estabelecidos pelos fundadores – visão, missão, abrangência, princípios e valores (que queremos ser?), atende às possibilidades existentes no *ambiente externo* (que é permitido fazer?) e à *capacitação* da organização (que sabemos fazer?).

No período de expansão, as organizações multiplicam o raio de alcance de suas ações, rompem fronteiras geográficas e dispersam-se com o objetivo de alcançar o público-alvo de suas atividades, onde ele estiver. É um tempo de partidas, de abertura de novos horizontes, o espírito de comprometimento afetivo nutre todos os membros e é responsável por manter a motivação e ligação entre todos.

É, também, um tempo de sofrimento pelo fato da dispersão dos membros, mas esse mesmo sofrimento alimenta o espírito que vincula cada um ao núcleo central que gira em torno de todos.

A fase seguinte é a da *maturidade ou estagnação*, marcada pela noção de ser uma organização bem-sucedida. Tal noção, quase sempre, produz o efeito de enrijecimento das estruturas, estratégias, posturas, procedimentos e atitudes dentro das organizações.

É a fase de consolidação das ações e, por isso mesmo, dos grandes riscos. Com a consolidação há uma tendência reinante de regulamentação burocrática das atividades, de rigidez e de pouca flexibilidade para mudança e inovação. Para essa fase, um clássico ditado popular que cai muito bem é: “Não se mexe em time que está ganhando”.

Talvez esse seja o grande erro estratégico que uma organização pode cometer. Ao orientar suas ações baseadas “no sucesso” alcançado, sem considerar as mudanças constantes nos ambientes interno e externo, o grande risco é deixar de acompanhar o triângulo estratégico da fase anterior – propósitos-ambiente externo-capacitação – e caminhar, a passos largos, para a morte.

Sem o triângulo estratégico a organização corre o risco de perder as suas virtudes organizacionais e, principalmente, a agilidade.

Nesta fase a organização fica centrada em sua profissionalização, com uma valorização das regras, padronizações, o foco passa a ser o funcionamento otimizado das ações organizacionais. Há um crescimento na importância das atividades-meio, ou seja, atividades de suporte ao atendimento direto, como finanças, contabilidade, compras etc.

Esse crescimento de importância das atividades-meio traz consigo um perigo avassalador, que é passar a ter um peso igual, quando não maior, ao das ações que justificam a existência da organização. Muitas organizações gastam boa parte dos seus recursos (humanos, financeiros, estratégicos etc.) na gestão da própria burocracia interna.

E como saber se a organização está vivendo a fase de estagnação (envelhecimento)? Adizes (2004) apresenta alguns indicadores: o sucesso pessoal provém de evitar riscos; as pessoas são mantidas por causa de suas personalidades e não em virtude das contribuições que dão para a organização; tudo é proibido, a menos que expressamente permitido; oportunidades são vistas como problemas; o contábil, o financeiro e o jurídico têm grande força na política da organização; para mudar o comportamento organizacional, é preciso “mudar o sistema”; quem toma as decisões é o *staff* corporativo; os resultados excedem às expectativas; as pessoas concentram-se em como fazer e em quem faz.

São indicadores e não podem ser vistos como verdade absoluta, mas servem para chamar a atenção das organizações quanto ao cuidado que deve ser tomado em busca de constantes atualizações. Será que organizações religiosas estão assim?

Se, na fase da maturidade/estagnação, podem ocorrer todos os processos descritos acima, eles não são exclusivos e não encerram em si a própria fase. É também um tempo de organização formal, de busca por objetivos comuns e participativos. Há uma explicitação dos valores, e a atenção volta-se tanto para dentro como para fora da organização.

Na maturidade, o processo de aprendizagem organizacional tende a comportar uma série de artifícios que buscam proporcionar maior comprometimento dos membros da organização, facilitando as relações internas e externas, garantindo efetividade das ações.

A última fase é a da *reflexibilização*. É a fase do reencontro com a capacidade inovadora que foi perdida/esquecida com o crescimento da organização. É o tempo onde todos são chamados para um retorno criativo ao espírito dos primeiros anos, atualizando a cultura, os meios, os procedimentos, as ações, criando um clima organizacional suficientemente motivador, tanto interna como externamente.

A chamada para organizações mais leves seria uma tentativa de retorno, na linha da reflexibilização, aos princípios originários? À agilidade primitiva? Que fazer para alcançarmos a reflexibilização?

Coisas para não esquecer

Em tempos de reestruturações, reposicionamentos mercadológicos, novas demandas sociais, novos sujeitos apostólicos, novas formas de evangelização, novas culturas juvenis, novos padrões de consumo etc., podemos dizer que as organizações religiosas são provocadas de tal modo que não podem ficar paradas, sob o risco de perderem sentido. As provocações geram um movimento de crise e, assim como nas fases de desenvolvimento das organizações, pode-se dizer que é tempo de buscar o novo.

A pergunta de base, então, é: Que fazer para buscar o novo? Ou melhor: Que fazer para estabelecer estruturas mais ágeis e leves nas organizações religiosas?

Creio que, antes de buscar respostas para a pergunta acima, é preciso fazer outra: Que me leva, enquanto organização religiosa, a fazer a pergunta pelo novo, pela leveza?

Muitas vezes, quando viajamos, costumamos deixar os quartos fechados e, ao retornarmos, uma das primeiras medidas é abrir portas e janelas para “trocar o ar”, arejar,

proporcionar frescor ao ambiente. Seria possível usar da mesma alegoria para tentar responder à pergunta pelo novo?

Estamos precisando arejar, dar frescor às nossas organizações? Por quanto tempo elas ficaram fechadas ou paradas? Há quanto tempo os membros estão viajando? Eles voltam? Eles querem voltar?

Mais do que buscar respostas, vale o esforço para compreender a provocação de cada pergunta, quer em nível pessoal, quer organizacional. Talvez daí apareçam indicações/tendências que apontem para novos ares.

A busca por estruturas mais leves deve comportar, necessariamente, a compreensão de que o trabalho, a missão desenvolvida é geradora de prazer. E não só a compreensão, mas também a vivência.

Um bom equilíbrio entre a organização do trabalho e a estrutura mental do trabalhador gera situações favoráveis ao prazer e, quando as exigências intelectuais, motoras e psicossensoriais da tarefa estão de acordo com as necessidades do trabalhador, quando o conteúdo do trabalho é fonte de satisfação, o resultado é o trabalho gerador de prazer. Quando não ocorre isso, o trabalho pode ser considerado fatigante.

Que fazer para transformar um trabalho fatigante em trabalho gerador de prazer (equilibrante)?

Para transformar um trabalho fatigante em um trabalho equilibrante precisa-se flexibilizar a organização do trabalho, de modo a deixar maior liberdade ao trabalhador para rearranjar seu modo operatório e para encontrar os gestos que são capazes de lhe fornecer prazer, isto é, uma expansão ou uma diminuição de sua carga psíquica de trabalho. Na falta de poder assim liberalizar a organização do trabalho, precisa-se resolver encarar uma reorientação profissional que leve em conta aptidões do trabalhador, as necessidades de sua economia psicossomática, não de certas aptidões somente, mas de todas, se possível, pois o pleno emprego das aptidões psicomotoras, psicossensoriais e psíquicas parece ser uma condição de prazer no trabalho (Dejours, 1994. p. 31-32).

Outro ponto que deve ser observado, na busca por estruturas mais leves, é a criatividade.

Sendo uma manifestação multiforme, por causa das diferenças individuais existentes, a criatividade leva em conta tanto componentes conscientes como inconscientes, e não é um atributo de poucos indivíduos excepcionais, mas de todos, e o grau de diferenciação dá-se pela forma como se manifesta. Para Abraham Maslow, a pessoa criativa não é uma pessoa comum à qual se acrescentou algo. É a pessoa comum da qual nada se tirou.

Dessa forma, pode-se afirmar que a criatividade aparece quando um indivíduo atinge alto nível de prazer na atividade realizada, e isso se deve ao fato de que, para a realização de algo, é preciso a fagulha intuitiva, e quanto maior o domínio da criatividade, maiores são as possibilidades de uma nova conexão de ideias.

Se para Dejours (1992) o prazer no trabalho acontece no encontro entre as exigências da tarefa e as necessidades do trabalhador, para De Masi (2000) a criatividade é o meio para chegar-se ao ócio criativo, significando a necessária substituição de uma cultura do sacrifício e da especialização por outra do bem-estar e da interdisciplinaridade, cuja finalidade é o crescimento da subjetividade, da afetividade e da qualidade de trabalho e da vida.

O ócio criativo apresentado por De Masi não é o *dolce far niente*, pois o trabalho criativo é muito mais prazeroso do que o não fazer nada. Assim, a criatividade não é só ter ideias, mas saber realizá-las. É unir fantasia e concretude. É desenvolver as atividades de tal forma que o tempo possa ser desfrutado de forma intensa, livre.

E como fazer bom uso do tempo livre? De Masi responde que o bom uso do tempo livre é saber dar sentido às coisas de todo dia, em geral lindas, sempre iguais e sempre diversas, que infelizmente são depreciadas pelo uso cotidiano. Para ele, foi a sociedade industrial que isolou o belo, expulsando-o do mundo do trabalho, e os filósofos contentam-se com as coisas que possuem porque sabem enriquecê-las de significado.

dispostos a entrar por um caminho novo, onde não podemos carregar certezas? Estamos dispostos a desaprender? Temos abertura suficiente para encarar o desafio não somente como “meio de sobrevivência”, mas como meio de um maior alcance apostólico?

Essas perguntas servem de fundo para considerarmos que a realidade de muitas organizações religiosas não acompanhou os avanços necessários para atualização apostólica, e ficou presa no “tempo das vacas, touros e bezerros gordos”. Que não conseguiu fazer a leitura dos sinais de “envelhecimento” e não foi capaz de atuar preventivamente contra um estado autoimune.

Tudo isso pode parecer uma alta dose de pessimismo, mas no fundo é partir de uma realidade dura e, se não se tiver cruzeza na análise, corre-se o risco de eufemismos que pouco ajudarão na árdua batalha por estruturas mais ágeis e capazes de ajudar na consecução do fim das organizações.

Diante disso, que podemos fazer para alcançar o objetivo de agilidade e leveza?

Os manuais de administração estão recheados de técnicas, modelos, estudos e receitas, mas vale seguir por esse caminho? Essas estratégias atenderiam aos objetivos das organizações religiosas?

Creio que a sede é grande, mas mesmo a água tem a capacidade de matar o sedento e não somente a sede. É preciso calma para não entrar na corrente sem as devidas considerações do ambiente (interno e externo), das reais necessidades – e estas sofrem variações de acordo com cada organização.

Usar os manuais como se fossem poções mágicas resulta, quase sempre, em trágicas consequências, mas também não podemos entrar com o ímpeto de querer “reinventar a roda”. As experiências de outros devem ajudar-nos a marcar o caminho próprio, com sabedoria, conhecimento e competência. É preciso olhar para o lado e reconhecer que outras organizações já avançaram, acumularam conhecimento, experiências, e podem ajudar na caminhada, mas não pode ser deixado de lado o desejo interno por mudança.

Se, internamente, não houver o desejo de mudar, os processos servirão para editar mais manuais, orientações etc., e não chegarão ao coração das pessoas e, por conseguinte, das organizações.

É preciso entender que mudar uma estrutura não é suficiente para mudar uma organização. É necessário mudar o ambiente onde as pessoas vivem e atuam, a cultura, a comunicação etc. Assim, pensar em estruturas leves e ágeis exige uma alta dose de engajamento afetivo, fonte do querer fazer; grande dose de abnegação para deixar na estrada bagagens que só dificultam a nova caminhada; experiências comunitárias fortalecedoras de vínculos amorosos. Ou seja: é preciso disponibilizar experiências prazerosas, criativas, onde a improvisação seja vista não como falta de planejamento, mas como intuição capaz de redesenhar processos, ações etc.

É preciso cultivar o belo, como fonte de enriquecimento espiritual, afetivo, relacional. É preciso fazer memória do primeiro amor (espírito livre fundacional), do suspiro da brisa ligeira (1Rs 19,12) e da certeza do jugo suave e do fardo leve (Mt 11,30).

Para alcançar estruturas ágeis e leves, são necessárias pessoas leves e ágeis! Pessoas leves, estruturas leves, capazes de ressignificar os processos de aprendizagem, capazes de amar.

Tudo isso exige competência. Competência individual, comunitária e organizacional. O corpo todo deve abraçar a tarefa de aprender, mais do que ensinar.

Aprender que é necessário abrir mão de tantas estruturas; que é preciso muita coragem para responder, com generosidade, ao apelo de levar a boa-nova da ressurreição aos mais diversos lugares; que é necessário retomar o espírito fundacional, onde agilidade e leveza serviam como molas a impulsionar para frente.

Sem competência, até mesmo técnica, tudo pode resultar em mais um capítulo de moda, efêmero, fragmento, ou, pior ainda, tudo pode ficar refém do exército de consultores organizacionais que rondam as organizações religiosas, sedentos por generosos soldos.

As organizações precisam acumular conhecimento próprio; dominar técnicas; ser capazes de pensar o próprio futuro. E mesmo que necessitem de ajuda, esta deve ser coadjuvante.

Se uma organização religiosa se pergunta sobre como chegar a estruturas mais ágeis e leves e não tem no seu corpo membros capazes de levar adiante tal tarefa, pode ser um passo demasiado largo começar.

Por outro lado, se nos juntarmos como um grande corpo apostólico, rememorando os primeiros cristãos de At 2,44-47, poderemos globalizar solidariedade, criando espaços de ajuda mútua, partilhando experiências e, coletivamente, cada um no seu tempo e condição, buscando estruturas mais leves, ágeis, abertas ao novo.

Estamos dispostos, se necessário, a deixar o peso de muitas obras e ações em nome de maior presença e mobilidade apostólica? Permitimo-nos buscar alternativas para inúmeras reuniões de preparação de outras reuniões? E os comitês, grupos de trabalho, comissões, etc. São tantas estruturas que, muitas vezes, desviam o olhar, o coração, os quais, uma vez desviados, podem transformar-nos em “casos de sucesso”, mas carentes da intensa chama que impulsiona para o encontro com os demais, na experiência do amor oblato.

Assim, os esforços empreendidos por estruturas mais ágeis e leves são parte da busca por uma boa administração, pois esta deve ser capaz de, como instrumento-meio, disponibilizar os melhores recursos para que os objetivos institucionais sejam alcançados.

Referências

- ADIZES, Ichak. *Gerenciando os ciclos de vida das organizações*. São Paulo: Prentice Hall, 2004.
- BECKER, Howard S. Quatro tipos de organizações religiosas. In: ETZIONI, Amitai. *Organizações complexas; estudo das organizações em face dos problemas sociais*. São Paulo: Atlas, 1967.
- D'ACQUINO, Giacomo. *Viver o prazer*. São Paulo: Paulinas, 1992.

- DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho; estudo de psicopatologia do trabalho*. 5. ed. ampl. São Paulo: Cortez/Oboré, 1992.
- _____; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. *Psicodinâmica do trabalho; contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994.
- MENDES, Ana M.; SILVA, Rogério R. Prazer e sofrimento no trabalho dos líderes religiosos numa organização protestante neopentecostal e noutra tradicional. *Psico-USF*, Itatiba, v. 11, n. 1, p. 103-112, jan./jun. 2006.
- NACHMANOVITCH, Stephen. *Ser criativo; o poder da improvisação na vida e na arte*. São Paulo: Summus, 1993.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Considerando a realidade administrativa de muitas Congregações e Institutos, o que deve ser feito para alcançar estruturas mais ágeis e leves?
2. Como cada Religioso(a) deve encarar pessoal e comunitariamente o desafio da agilidade e da leveza?
3. Quais seriam os impactos da busca por estruturas mais ágeis e leves nas vidas pessoal, comunitária, apostólica e espiritual?

Comunidades Eclesiais de Base: justiça e profecia na construção de uma nova ordem mundial

557

FRANCISCO DE AQUINO JÚNIOR*

Há muito tempo vem-se discutindo sobre a necessidade e a urgência de uma nova ordem mundial. Dos quatro cantos da terra reunida no Fórum Social Mundial ecoa um grito de lamento, esperança e compromisso: *Outro mundo é possível e necessário!* É o grito das vítimas da atual ordem mundial. É o grito dos que se empenham na construção de uma nova ordem mundial. E por tal razão é, e tem de ser, o grito das Comunidades Eclesiais de Base, “romeiras do Reino no campo e na cidade”, comprometidas com a instauração do Reinado de Deus neste mundo ou com a estruturação deste mundo segundo a lógica e o dinamismo do Reinado de Deus. Para tanto, elas tomam como critério e fundamento a *justiça* e como caminho ou método a *profecia*. “Justiça e profecia a serviço da vida” é, aliás, o tema do *13º Intereclesial das CEBs*.

É o que tentaremos explicitar neste artigo, tratando do desafio da construção de uma nova ordem mundial, (I) e apresentando tanto o fundamento e o critério (II) quanto ao caminho ou método (III) dessa construção.

O desafio de uma nova ordem mundial

Falar do desafio de uma nova ordem mundial significa, em primeiro lugar, reconhecer que *existe uma ordem mundial* e, em segundo lugar, afirmar que essa ordem mundial *precisa ser mudada ou transformada*. Mas para afirmar a necessidade dessa mudança e para indicar alguns caminhos ou algumas mediações para sua realização é preciso reconhecer

* **Padre Francisco de Aquino Júnior** é presbítero da Diocese de Limoeiro do Norte-CE e professor de Teologia na Faculdade Católica de Fortaleza.

sua existência e compreender minimamente sua estrutura e sua dinâmica.¹ É o que faremos a seguir, de um modo muito resumido e até simplificado.

1. A atual ordem mundial

Antes de tudo, é preciso reconhecer a existência de uma ordem mundial (afirmar sua realidade e explicitar em que consiste isso) e compreender sua estrutura e seu funcionamento (mostrar como ela está organizada e qual a sua lógica).

Falar de ordem mundial é falar da dimensão mundial ou global dos vínculos ou dos nexos sociais. É reconhecer que os vínculos ou as relações entre as pessoas não se restringem mais ao âmbito da família, da comunidade local, da região, do país, do continente, mas dão-se em nível ou escala mundial: cada vez mais as pessoas e os grupos, nas mais diferentes e distantes regiões do mundo, fazem-se presentes e interferem na vida uns dos outros, *inter-agem* e condicionam-se mutuamente, para o bem e/ou para o mal.

E não é preciso fazer muito esforço para constatar esse fato: tecnologias desenvolvidas, em países de Primeiro Mundo, interferem direta e decisivamente no mercado local e nos modos de vida nas mais diferentes regiões; mercadorias produzidas nos EUA, na China, na Índia, por exemplo, invadem o mercado até de pequenas cidades (os famosos importados); as regras do comércio mundial têm levado a uma concorrência desleal entre grandes empresas e pequenos negócios e à falência de pequenas e médias empresas em nossas cidades; o padrão de consumo dos países do Primeiro Mundo tem provocado a destruição e a privatização de nossas riquezas naturais, o aumento do aquecimento global e o desequilíbrio ambiental, com enormes consequências, sobretudo, na vida das comunidades pobres; o fenômeno da migração e os novos desenvolvimentos tecnológicos, particularmente a internet, têm possibilitado o conhecimento e a interação de povos, tradições e costumes os mais diversos (alimento, música, dança, vestes, religiões, organização política, relação com o meio ambiente, relações de gênero,

1. Cf. AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Práxis cristã em tempos de globalização*. In: *A dimensão socioestrutural do reinado de Deus*; escritos de teologia social. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 67-102.

movimentos políticos, negação e defesa de direitos humanos etc.), entre outros.

De muitas formas e por muitos caminhos as pessoas e os povos, das mais diferentes regiões do mundo, fazem-se presentes e interferem na vida uns dos outros, e suas vidas são, cada vez mais, condicionadas e determinadas por fatores mundiais. Independentemente de terem ou não consciência disso. Certamente, o poder de interferência é muito desigual entre ricos e pobres, entre regiões ricas e regiões pobres. Certamente, isso se faz sentir e perceber em dimensões e intensidades diferenciadas na vida das pessoas e nas várias regiões. Mas ninguém está completamente livre/solto desses vínculos e de suas consequências. Seja pelo mercado, seja pela comunicação, seja pelo uso e consumo dos bens produzidos, seja pelas catástrofes ambientais, seja pelos modos de vida etc., estamos todos, em alguma medida, vinculados uns aos outros. Para o bem e/ou para o mal. E é precisamente isso que constitui o que chamamos ordem mundial: a estruturação de nossa vida individual e coletiva mediante o vínculo e a interação entre pessoas e grupos das mais diferentes regiões do planeta.

Em princípio, isso não teria motivo para ser uma coisa ruim e poderia, mesmo, ser uma grande chance para a humanidade. E há, sem dúvida, aspectos positivos, nesse processo, que não se pode negar: avanço tecnológico, comunicação e interação entre povos e culturas, crescimento da solidariedade internacional etc. O problema é que esse vínculo e essa interação mundiais têm ocorrido fundamentalmente a partir e em função da economia capitalista, em sua fase neoliberal. Por isso é que muitos autores preferem falar de globalização da economia mais que de mundialização da vida social. E na globalização neoliberal o mercado aparece como o mecanismo decisivo e mais determinante de configuração e regulamentação da vida humana: tudo vira mercadoria, as pessoas se tornam consumidoras, o lucro é a grande meta, impera a lógica da “concorrência” e a lei do mais forte.

Na verdade, o processo de encontro e interação entre os povos, em curso sobretudo a partir do século XV, com a

2. Cf. PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. Relatório de Desenvolvimento Humano 2010: *A verdadeira riqueza nas nações*; vias para o desenvolvimento humano. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/rdh>>. Acesso em: 19 jun. 2011.

3. Cf. *ibid.*, 38.

4. Cf. *ibid.*, 90, 100. Uma família pode ser considerada multidimensionalmente pobre se sofrer privações em dois a seis dos seguintes indicadores: nutrição, mortalidade infantil, anos de escolaridade, crianças matriculadas, combustível de cozinha, sanitários, água, eletricidade, pavimento e ativos (cf. *ibid.*).

5. Cf. *ibid.*, 101.

6. Cf. *ibid.*, 44.

7. Cf. *ibid.*, 103.

8. Cf. *ibid.*

colonização europeia, tem sido um processo de natureza fundamentalmente capitalista, regido pela lógica do lucro e da acumulação de bens e riquezas (deus Mercado). O que é novo nesse processo são seu estágio e seu caráter globais, possibilitados, sobretudo, pela chamada revolução tecnológica: não se trata mais simplesmente da interação entre alguns povos, mas da influência ou interferência de fatores globais (tecnologia, comunicação, valores, meio ambiente etc.) na estruturação da vida das pessoas e dos povos. Mas a lógica é a mesma: Mercado. Não por acaso ele se tem mostrado não apenas incapaz de acabar com a miséria no mundo, mesmo tendo todas as possibilidades para isso, como tem aumentado a concentração de bens e riquezas e a desigualdade social, até mesmo onde tem avançado na superação da miséria, como no caso do Brasil.

De acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano 2010, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD),² apesar dos avanços obtidos nas últimas décadas, o número absoluto de pessoas subnutridas no mundo, que, em 1980, era de cerca de 850 milhões, aumentou para cerca de mil milhões de pessoas;³ cerca de um terço da população de 104 países, ou perto de 1,75 mil milhões de pessoas, vive em pobreza multidimensional;⁴ 1,44 mil milhões vive com menos de 1,25 dólares por dia e 2,6 mil milhões vivem com menos de 2 dólares por dia;⁵ o fosso entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento continua aumentando: o país mais rico atualmente (Listenstaine [Liechtenstein]) é três vezes mais rico que o país mais rico em 1970 e o país mais pobre atualmente (Zimbábue) é cerca de 25 vezes mais pobre que o país mais pobre em 1970 (também Zimbábue);⁶ as taxas regionais de pobreza multidimensional variam entre cerca de 3% na Europa e Ásia Central e 65% na África subsaariana;⁷ na América Latina e Caribe, a pobreza multidimensional afeta de 2% da população (Uruguai) a 57% (Haiti, ainda antes do terremoto de 2010).⁸

No Brasil, dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) revelam que, entre 1978 e 2008, embora

tenha havido uma redução significativa da *pobreza absoluta* (rendimento familiar *per capita* de até meio salário mínimo), houve, por outro lado, um aumento significativo da *pobreza relativa* (rendimento até 60% do rendimento médio dos ocupados com mais de quinze horas semanais).⁹ Enquanto a *pobreza absoluta* caiu de 71,5%, para 31,4%, a *pobreza relativa* aumentou de 23,7% para 45,2%.¹⁰ E enquanto a redução da pobreza absoluta foi muito maior na região Sul (de 68,8% para 16,1%) que na região Nordeste (de 88,0% para 47,2%),¹¹ o aumento da pobreza relativa foi muito maior na região Nordeste (de 8,8% para 37,2%) que na região Sudeste (de 33,4% para 49,1%),¹² o que mostra a permanência de uma grande desigualdade regional no País. De ambas as formas, “a tendência positiva de redução da pobreza absoluta parece implicar na migração para a pobreza relativa”,¹³ ou seja, para o aumento da concentração e da desigualdade social.¹⁴

De modo que a globalização da economia e a mundialização da vida social, regidas pela lógica do mercado, além de incapazes de superar pelo menos a miséria e a fome no mundo, têm-se mostrado como mecanismos muito eficientes de acumulação de bens e riquezas e de aumento da desigualdade social no mundo. Nesse sentido elas se têm constituído como uma ordem (ou um ordenamento) global/mundial injusta e insustentável, tanto do ponto de vista social quanto do ponto de vista ambiental.

2. A necessidade de uma nova ordem mundial

Por tratar-se de uma ordem e de um ordenamento social e ambientalmente injustos da vida humana no planeta é que a atual ordem mundial precisa ser mudada ou transformada. Não podemos aceitar uma forma de estruturação e regulamentação de nossa vida coletiva que exclua grande parte da humanidade, que privatize e destrua nossas riquezas naturais, que privatize o saber e os ganhos que ele possibilita e socialize os danos que ele provoca, que concentre de modo tão escandaloso e perverso os bens e riquezas produzidos. “Nem por Humanidade, nem por fé religiosa, poderemos

9. Enquanto o conceito de *pobreza absoluta* indica a carência ou satisfação do mínimo necessário à subsistência, o conceito de *pobreza relativa* aponta para o problema da desigualdade social, isto é, da distribuição da riqueza produzida.

10. Cf. POCHMANN, Marcio. *Pobreza em transformação no Brasil*. In: OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de (org.). *Opção pelos pobres no século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 59-85 – aqui, p. 69s.

11. *Ibid.*, p. 63.

12. *Ibid.*, p. 70.

13. *Ibid.*, p. 72.

14. O *Atlas da Exclusão Social no Brasil* mostra que, em 2001, “os 10% mais ricos da população respondiam por cerca de 3/4 de toda riqueza nacional” (POCHMANN et al. [orgs.]. *Atlas da exclusão social*. São Paulo: Cortez, 2004. v. 3: Os ricos no Brasil, p. 27) e que as “5

aceitar algum dia a fatalidade como destino, ou a exclusão como programa social.”¹⁵

Mas não basta afirmar a necessidade de uma nova ordem mundial. Precisamos confrontar-nos seriamente com suas reais possibilidades e com a problemática de sua mediação histórica. E nesse sentido não podemos ser ingênuos nem criar falsas expectativas. Precisamos sonhar, mas com os pés no chão. Não podemos render-nos a essa lógica perversa, tampouco podemos achar que mudaremos o mundo só com boa vontade e a toque de magia: querer não é sem mais poder. Temos de ser sonhadores, utópicos, persistentes, perseverantes, mas também realistas, ou seja, reconhecer os reais limites e as reais possibilidades de nossa ação em vista da construção de uma nova ordem mundial para que a mesma possa ser efetiva e eficaz. Nessa perspectiva é que indicaremos sem maiores desenvolvimentos alguns pontos ou aspectos que ajudem a perceber as possibilidades e os limites de nossa ação e, assim, potenciá-la e torná-la mais eficaz.

mil famílias ‘muito ricas’ do país” (0,001% da famílias) se apropriavam “do equivalente a 3% da renda total nacional, representando seu patrimônio algo em torno de 40% do PIB brasileiro” (ibid., p. 29), ou seja, “2/5 de todo fluxo de renda gerado pelo país no período de um ano” (ibid., p. 11).

15. CASALDÁLIGA, Pedro. Noite e dia ao mesmo tempo. In: VIGIL, José Maria. *Embora seja noite*; a hora espiritual da América Latina nos anos 90. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 5-8 – aqui, p. 7.

- A. É preciso reconhecer, antes de tudo, que o ordenamento de nossa vida coletiva não é fruto do acaso nem um dado natural. Não existe uma sociedade ou uma ordem social acima ou independente das pessoas concretas. Por mais autônoma e independente que seja, ela é resultado da ação e da interação humanas. Os costumes, as regras, as normas, as leis, as instituições etc. nascem e se impõem como modos concretos de organizar, regulamentar e controlar a ação e a interação humanas, e enquanto tais eles podem ser mudados e transformados mediando a ação e a interação humanas. Embora essa transformação não seja algo tão simples como pensam alguns (querer não é sem mais poder), tampouco é algo impossível (sempre foi assim, sempre será assim). Depende da ação concreta de pessoas e grupos concretos, da correlação de forças que se vai construindo e da viabilidade das alternativas que se vão descobrindo e forjando.
- B. A ordenação e a regulamentação de nossa vida coletiva envolvem diversos aspectos e dimensões que precisam ser reconhecidos e compreendidos. Certamente, a

dimensão econômica é a mais primária e a mais fundamental, pois, afinal, sem garantia de condições materiais mínimas a vida torna-se impossível. Por isso se critica tanto o capitalismo e se insiste tanto na necessidade de uma nova ordem econômica. Mas ela não é tudo. Há outras formas de injustiça e opressão que não são de natureza propriamente econômica e que precisam ser transformadas: relações de gênero, etnia, cultura, religião, meio ambiente etc. Fala-se, nesse contexto, de uma ampliação do horizonte de libertação. Daí a importância e a necessidade de serem fortalecidos os movimentos e as lutas feministas, negras, indígenas, socioambientais, macroecumênicos etc. Tanto em nível local e nacional quanto em nível continental e mundial.

- C. Uma nova ordem mundial passa tanto pela transformação das estruturas sociais quanto pela transformação das pessoas. É preciso cuidar tanto da dimensão pessoal quanto da dimensão estrutural de nossa vida. Uma sociedade nova só é possível com pessoas novas, com relações novas entre as pessoas. Do contrário, acabaremos reafirmando e reforçando no dia a dia de nossas vidas e nas relações cotidianas que estabelecemos a ordem mundial que condenamos e que queremos transformar. Tampouco bastam pessoas novas e relações interpessoais novas. É preciso criar estruturas e mecanismos novos de organização e regulamentação de nossa vida coletiva que garantam as distribuições dos bens e riquezas produzidos, que preservem e socializem nossas riquezas naturais, que combatam todas as formas de preconceito e discriminação e promovam e garantam os direitos e a igualdade de gênero e raça etc.
- D. A transformação das pessoas e das estruturas da sociedade não se dá a toque de magia nem da noite para o dia. É algo extremamente complexo e processual, pois mexe com mentalidade, com personalidade, com muitos aspectos ou dimensões de nossa vida, com interesses os mais diversos, envolve conflitos e disputas, correlação de forças etc. Além do mais, é muito mais fácil dizer

o que não queremos do que dizer como efetivar o que queremos. Sem falar que normalmente não dispomos das mediações necessárias (econômicas, políticas, culturais etc.) para sua realização. Precisamos apropriar-nos delas ou mesmo criá-las. E aqui não existe receita nem caminho certo ou único. Temos de inventá-las, testá-las no dia a dia, em pequenas experiências – sem absolutismos nem falsos messianismos. Toda criatividade aqui é pouca. Importa ir reestruturando nossa vida e nossa sociedade em todas as suas dimensões, no pessoal e no estrutural, no micro e no macro.

- E. Por fim, e por mais paradoxal que pareça, convém advertir que a construção de uma nova ordem mundial passa, necessariamente, pela reestruturação de nossa vida coletiva nos espaços menores e que ela vem de baixo, das vítimas. Primeiro, porque a atividade humana acontece sempre em um espaço e tempo determinados, até mesmo em uma sociedade global ou mundial. O que é novo e o que caracteriza o atual estágio de nossa vida coletiva é o poder de alcance e imposição globais da atividade humana. Segundo, porque não interessa às forças sociais dominantes na atual ordem mundial uma transformação substancial de sua estrutura. Se a transformação da sociedade interessa aos setores cujo poder de ação ainda está muito limitado ao âmbito local, é aí que ela tem de ser forjada, ensaiada, articulada e projetada. O grande desafio, aqui, consiste em potencializar essas experiências locais e, a partir delas, ir articulando forças, construindo uma aliança internacional, criando e impondo novos mecanismos de regulamentação de nossa vida global.

A justiça como fundamento e critério da nova ordem mundial

Não basta afirmar a necessidade de uma nova ordem mundial nem sequer confrontar-se com seus reais limites e suas reais possibilidades. É necessário, até mesmo para ponderar

esses limites e essas possibilidades, estabelecer bases/fundamentos sólidos para essa nova ordem mundial e critérios/parâmetros que orientem sua construção histórica.

Quanto a isso, não há muita dificuldade. Os mesmos critérios que usamos para avaliar e rejeitar a atual ordem mundial devem, em sentido contrário, orientar a construção de uma nova ordem mundial. Se o desafio e a necessidade de uma nova ordem mundial devem-se, fundamentalmente, ao caráter injusto e insustentável da atual ordem mundial, sua construção histórica deve pautar-se, fundamentalmente, na justiça. E se a injustiça da atual ordem mundial é medida pela existência de pobres, oprimidos, excluídos e vítimas (das mais diversas formas e dos mais diversos aspectos), a justiça da nova ordem mundial deverá ser medida pela garantia ou não dos direitos dos pobres, oprimidos, excluídos e vítimas. Eles são, de acordo com a tradição bíblica, o critério e a medida da justiça e da injustiça.

Na perspectiva bíblica, justiça não diz respeito à aplicação cega e imparcial de regras e leis estabelecidas. Ela tem a ver, fundamentalmente, com o direito dos pobres e oprimidos.¹⁶ “Para os semitas, a justiça é não tanto uma atitude passiva de imparcialidade, quanto um empenho do juiz em favor do que tem direito.”¹⁷ E, “nas censuras proféticas, o justo ainda é o que tem direito, mas ele é quase sempre lembrado na sua condição concreta e no seu meio ambiente: esse inocente é um pobre e uma vítima da violência”.¹⁸ De modo que a justiça está intrinsecamente vinculada à problemática do direito e, mais concretamente, à problemática do direito do pobre, do orfão, da viúva e do estrangeiro.

Fazer justiça significa, portanto, fazer valer o direito dos pobres e oprimidos. É o que se pode ver, por exemplo, no Sl 72, uma bênção para entronização de um rei, onde se pede que Deus confie a ele seu julgamento e sua justiça: que “governe teu povo com justiça e teus afligidos com retidão” (cf. v. 2); “que ele defenda a gente oprimida, salve as famílias pobres” (cf. v. 4); que “livre o pobre que pede auxílio, o oprimido que não tem protetor” (cf. v. 12); “que tenha piedade do pobre e desvalido e salve a vida dos pobres” (cf.

16. Cf. JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagynos, 2008. p. 162. SICRE, José Luís. *Profetismo em Israel*; o profeta, os profetas, a mensagem. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 357-380. GUILLET, Jacques. Justiça. In: LÉON-DUFOUR, Xavier et al. *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 499-510. COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 33.

17. GUILLET, Jacques. Justiça, p. 501.

18. *Ibid.*, p. 500.

v. 13); “que os resgate da crueldade e da violência e tenha seu sangue em grande apreço” (cf. v. 14).

E não se trata, aqui, de algo secundário, periférico ou mesmo restrito aos âmbitos social e político. A garantia do direito dos pobres, oprimidos e fracos toca no núcleo mesmo da história da salvação: Deus se apresenta como aquele que faz justiça aos pobres e oprimidos; Israel, e seus reis em particular, devem fazer justiça aos pobres e oprimidos; a relação/aliança de Deus com seu povo tem a ver com e passa pela garantia do direito dos pobres e oprimidos; e o Reinado de Deus, centro da vida e missão de Jesus, tem a ver, fundamentalmente, com a justiça aos pobres e oprimidos.¹⁹

Esse é o sinal e o critério por excelência da aliança de Deus com seu povo ou da realização de seu Reinado neste mundo, e deve ser, particularmente para o cristão, o fundamento e o critério da reestruturação de nossa vida coletiva ou da construção de uma nova ordem mundial: a garantia do direito dos pobres, oprimidos e fracos. A nova ordem mundial deve ser pensada e efetivada, portanto, a partir e em vista dos pobres, oprimidos e fracos deste mundo. Os acordos, as regras, as convenções, as leis e as instituições mundiais devem ser, por um lado, mecanismos de combate à pobreza e à desigualdade social e a todas as formas de opressão, dominação, preconceito e exclusão, e, por outro lado, mecanismos de distribuição de bens e riqueza, de proteção e socialização dos bens naturais, de promoção e garantia dos direitos humanos (mulheres, negros, índios, homossexuais, idosos, pessoas com deficiência, migrantes etc.).

Em síntese: a justiça, entendida como garantia dos direitos dos pobres, oprimidos e fracos, deve ser tanto o fundamento da nova ordem mundial quanto o critério e a medida de sua construção histórica.

A profecia como caminho/método da nova ordem mundial

Já tratamos da *necessidade* de uma nova ordem mundial e já estabelecemos o *fundamento* e o *critério* de sua construção

19. Cf. BARTH, Karl. Pobreza. In: *Dádiva e louvor*. São Leopoldo: Sinodal, 1996. p. 351-353. GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 45-57. PIXLEY, Jorge. *O Deus libertador na Bíblia*; teologia da libertação e filosofia processual. São Paulo: Paulus, 2011. p. 17-34. JEREMIAS, Teologia do Novo Testamento, p. 159-193.

histórica. Resta-nos abordar a problemática do *caminho ou método* dessa construção histórica.

Aqui, é preciso deixar bem claro que não existe receita. Ninguém sabe, de antemão, como deve ser, concretamente e em detalhes, a nova ordem mundial. Poderíamos identificar alguns indícios/sinais atuais de sua construção para mostrar tanto sua viabilidade quanto os contornos que vai tomando. Cremos, entretanto, ser mais interessante e mais fecundo indicar um caminho ou método que potencialize os indícios/sinais da nova ordem mundial que já está sendo construída, abra novas perspectivas e amplie o leque de suas reais possibilidades ou mediações. E esse caminho ou método não é outro senão a profecia, tal como se dá na Sagrada Escritura e, a partir dela, vem acontecendo na história.²⁰

De acordo com a Sagrada Escritura, profecia não é adivinhação do futuro nem profeta é aquele que advinha o futuro, como se ele estivesse desde sempre determinado, como se fosse uma sina ou um destino. Os profetas “são intérpretes da história. São leitores da vida do povo. Através de seus gestos e de suas palavras, a história se torna transparente”. Por isso, eles “têm hora e local. Sua atuação é concreta. Está relacionada a certo momento, a certas pessoas, a certas estruturas”.²¹ “O profeta possui sensibilidade para perceber o que está acontecendo e o sentido dos acontecimentos, onde está o pecado e por onde vem a salvação aqui e agora.”²² Sua missão consiste em atualizar a palavra e os desígnios de Deus para seu povo, em uma hora e em uma situação bem concretas: “[...] a profecia é a palavra de Deus ao seu povo aqui e agora”.²³ No centro da atividade profética está a denúncia da injustiça e a exigência de justiça aos pobres e oprimidos: “[...] os profetas são pessoas que expressam a exigência de justiça de Deus”.²⁴ O “verdadeiro profeta”, diz o profeta Comblin, “é aquele que sabe mostrar onde estão, na sua época, a justiça e a injustiça, onde estão os pobres e como estão clamando”.²⁵ De modo que a profecia nem é uma palavra abstrata/genérica (que vale e que se entende independentemente do contexto em que é exercida), nem

20. Cf. SICRE, *Profetismo em Israel*; o profeta, os profetas, a mensagem. ASURMENDI, Jesus. *O profetismo*; das origens à época moderna. São Paulo: Paulus, 1988. BEAUCHAMP, Pauls. Profeta. In: LÉON-DUFOUR et al., *Vocabulário de teologia bíblica*, p. 824-833. SCHWANTES, Milton; MESTERS, Carlos. *Profeta*; saudade e esperança. São Leopoldo: CEBI, 1989. COMBLIN, *A profecia na Igreja*. ELLACURÍA, Ignacio. Utopía y profetismo desde América Latina: un ensayo concreto de soteriología histórica. In: *Escritos teológicos II*. San Salvador: UCA, 2000. p. 233-293.

21. SCHWANTES; MESTERS, *Profeta*; saudade e esperança, p. 6.

muito menos neutra (que se coloca acima dos conflitos, que não toma partido nos conflitos).

Nas palavras do profeta-mártir salvadoreño Ignacio Ellacuría, a profecia caracteriza-se pelo “contraste crítico do anúncio da plenitude do Reino de Deus com uma situação histórica determinada”.²⁶ Esse contraste é fundamental. Primeiro, porque “manifesta os limites e, sobretudo, os males de uma determinada situação histórica”. Segundo, porque, mediante a superação desses limites e desses males presentes, pode-se ir “desenhando o futuro desejado, cada vez mais de acordo com as exigências e os dinamismos do reino” e, por sua vez, “o futuro anunciado e esperado ajuda a ir superando esses limites e esses males”. Terceiro, porque evita que a utopia “se converta em uma evasão abstrata do compromisso histórico”.²⁷

E é nesse sentido, precisamente, que falamos da profecia como caminho ou método de construção de uma nova ordem mundial: enfrentamento das situações concretas de injustiça e opressão, defesa e luta pela justiça em situações bem concretas. Não basta a denúncia abstrata das injustiças nem o anúncio abstrato e genérico da justiça. É preciso dar nome aos bois, é preciso concretizar isso – no discurso e na prática. Assim, por exemplo, não basta dizer que é preciso preservar o meio ambiente e que ele não pode ser privatizado. É preciso enfrentar as empresas e os empresários/fazendeiros que estão fazendo isso em nossas regiões – eles têm nome e endereço. Mais concretamente: é preciso fazer isso a partir e em vista das necessidades e dos interesses dos trabalhadores e das comunidades vítimas do agronegócio. Não basta falar abstratamente de igualdade de gênero e de raça. É preciso enfrentar as estruturas patriarcais e racistas que negam essa igualdade, defendê-la e promovê-la, em nossas comunidades e na sociedade em geral (funções de liderança, Lei Maria da Penha, política de cotas para negros etc.). E assim por diante.

É na denúncia e no enfrentamento de *situações concretas de injustiça e opressão* (econômica, gênero, raça, ambiental etc.) e na defesa e na luta pela efetivação de *direitos concretos* dos

22. COMBLIN, *A profecia na Igreja*, p. 11.

23. *Ibid.*, p. 12.

24. *Ibid.*, p. 33.

25. *Ibid.*, p. 255.

26. ELLACURÍA, *Utopía y profetismo desde América Latina: un ensayo concreto de soteriología histórica*, p. 237.

27. *Ibid.*, p. 237s.

pobres, oprimidos, excluídos e fracos de nossa sociedade que vamos construindo uma aliança internacional e, através dela, uma nova ordem mundial.

Convém não esquecer que esse caráter concreto e parcial da profecia é profundamente conflitivo, pois mexe com interesses de pessoas, grupos, organizações e estruturas bem concretas. Por isso mesmo “o profeta é perseguido, denunciado, maltratado, afastado do povo e até morto”.²⁸ E não foi outra a sina de Jesus, nem a sina que ele previu para seus seguidores (Jo 15,20). A sociedade e a Igreja exaltam e louvam pessoas que fazem o bem a outras, que praticam “obras de misericórdia” e até defendem ideais abstratos de justiça e paz, mas toleram e suportam muito pouco quem, em situações bem concretas, enfrenta efetivamente a injustiça e se empenha na promoção da justiça. São famosas as palavras do profeta Helder Câmara: “[...] se dou comida aos pobres me chamam de santo; se pergunto por que eles são pobres me chamam de comunista”.

Importa, em todo caso, (A) enfrentar as mais diversas formas de injustiça e opressão, (B) empenhando-se na promoção e garantia dos direitos dos pobres, dos oprimidos, excluídos e

Int6.9(m)-8.7(s)0.5(h)-15.

sozinhas, é algo constitutivo de sua vida e missão, portanto algo de que elas não podem desentender-se jamais, sob pena de comprometer ou negar sua própria identidade. A construção de uma nova ordem mundial não é apenas uma questão social, política, econômica e cultural. É também uma questão teológica e teológica. Diz respeito à dimensão socioestrutural do Reinado de Deus neste mundo, ou seja, à reestruturação de nossa vida coletiva, agora em escala global, segundo a lógica e a dinâmica do Reinado de Deus. E nesse sentido, vale repetir, diz respeito à própria identidade das Comunidades Eclesiais de Base.

Nessa missão atua com todas as pessoas e grupos empenhados em sua construção histórica. E o faz a partir de sua tradição (judaico-cristã) e de suas peculiaridades e possibilidades (comunidade eclesial, força/poder social), tomando como fundamento e critério a *justiça* (garantia do direito dos pobres, oprimidos e fracos) e como caminho ou método a *profecia* (confronto com as situações concretas de injustiça e exigência de efetivação de direitos concretos para pessoas e grupos concretos).

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Que significa falar de ordem mundial e quais as suas principais características?
2. Em que consiste a justiça e a profecia na Bíblia e como elas se relacionam?
3. Identificar sinais de justiça e profecia em nossas comunidades e na sociedade em geral e ver como eles são antecipação e fermento de uma nova ordem mundial.

O processo de envelhecimento na Vida Religiosa Consagrada: um começo de conversa

571

EDER D'ARTAGNAN*

Introdução

A Vida Religiosa Consagrada está envelhecendo – assim como o Brasil, cuja expectativa de vida, hoje, é de 69 anos para os homens e 77 para as mulheres. Nas Congregações com mais de meio século de vida, os Religiosos idosos costumam superar em número os jovens e adultos. Algumas, até, são constituídas quase que exclusivamente por Religiosos da terceira idade.

Entretanto, a maioria das Congregações tem voltado sua atenção para as novas gerações, as realidades juvenis e as novas vocações, mesmo por uma questão de sobrevivência institucional: sem a entrada de novos vocacionados é real o risco de a Congregação deixar de existir. Em contraponto, há pouca discussão sobre o lugar dos idosos na Vida Religiosa Consagrada, e as produções teóricas específicas sobre este público são escassas, devido à distância entre os ambientes religioso e o acadêmico e à resistência das Congregações em favorecer o acesso de pesquisadores externos à sua dinâmica institucional.

Este artigo pretende contribuir para suprir essa lacuna a partir de uma visão geral sobre o processo de envelhecimento na Vida Religiosa Consagrada. Não pretende esgotar tema, muito ao contrário: há muito a discutir, refletir e problematizar a respeito dos Religiosos idosos.

O sujeito idoso na dinâmica da Vida Religiosa Consagrada

A gerontologia (do grego *géron*, *gerontos* = idoso + *logos* = estudo) compreende o processo de envelhecimento a partir

***Eder D'Artagnan**

é coordenador da Animação do Laicato da Província Marista Brasil Centro-Norte. Mestre em Gerontologia pela Universidade Católica de Brasília.

Endereço do autor: CSB 07 – Lote 02 – Apto. 804, CEP 72015-955, Taguatinga-DF.

do paradigma *life-span*, que reconhece a terceira idade como uma etapa de desenvolvimento, assim como a infância, a adolescência, a juventude e a idade adulta. A pessoa envelhece como viveu e, na velhice, defronta-se com tarefas específicas para continuar seu processo de desenvolvimento humano, agora como idoso. Naturalmente, isso vale também para os Religiosos.

O envelhecimento é matizado por três classes de influências:

- As *influências normativas graduadas por idade*, também chamadas de ontogenéticas, referem-se aos eventos que tendem a ocorrer com todos os indivíduos de uma sociedade, na mesma época e com a mesma duração, como socialização, tarefas evolutivas e aquisição de papéis sociais relacionados à família, à educação e ao trabalho. A Vida Religiosa Consagrada favorece que os eventos normativos – ingresso na Instituição, etapas da formação, funções desempenhadas, entre outros – ocorram não apenas na mesma época e com duração semelhante, mas também no mesmo espaço social, o da Congregação religiosa. Portanto, a interação entre eventos biológicos e ambientais favorece a existência de similaridades na constituição desses sujeitos idosos.
- As *influências normativas graduadas por história* dizem respeito aos eventos macroestruturais que originam mudanças sociais e são vividos por indivíduos de uma dada unidade cultural. Quem viveu a guerra ou a ditadura militar, por exemplo, costuma levar marcas profundas desse período pelo resto da vida. Os Religiosos mais idosos vivenciaram os grandes eventos do século XX no Brasil – Estado Novo, Segunda Guerra Mundial, urbanização, influências da Guerra Fria, Concílio Vaticano II, ditadura militar, processo de democratização, por exemplo – a partir do mesmo espaço institucional. Essas experiências costumam desenhar visões de mundo, concepções eclesiais e valores pessoais bastante semelhantes entre os coetâneos.

- *As influências não normativas* são idiossincráticas, variam em cada indivíduo e não são ligadas à ontogenia nem aos eventos históricos, pois referem-se à síntese que o indivíduo elabora, na trajetória de vida, a partir das influências normativas. Mesmo quem vivenciou os grandes eventos históricos e assumiu seus papéis sociais em tempos e espaços semelhantes, como os Religiosos, trazia consigo outras experiências que favorecem diferentes elaborações desses eventos. Em outras palavras: os Religiosos idosos não são iguais, pois o percurso vital, mesmo tendo elementos comuns, constrói os sujeitos de forma singular.

Segundo Neri,¹ essas três classes “atuam de forma concorrente na construção de regularidades e de diferenças individuais nas trajetórias de vida, mediada pelas instituições, pelas redes de relação e pela subjetividade”. Ou seja: a pessoa idosa resulta da interação entre as características do indivíduo e a forma como vivenciou os acontecimentos sociais e históricos de sua época. Na Vida Religiosa Consagrada, os aspectos religiosos e eclesiais tendem a ser mais significativos do que para outros grupos de idosos.

Assim, um ponto de partida para refletir a terceira idade na Vida Religiosa Consagrada é o fato de que os Religiosos idosos, em sua quase totalidade, passaram a maior parte de sua vida no espaço institucional religioso: ingressaram jovens – alguns, ainda crianças –, tornaram-se adultos e estão envelhecendo dentro da Congregação religiosa.

Importante lembrar que toda Congregação configura-se como uma Instituição total, na qual “cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto”.² Embora a atual dinâmica da formação institucional baseie-se em outros referenciais, não podemos aplicá-los aos Religiosos que hoje são idosos. Em sua época de formação, a tendência era reproduzir “indivíduos normatizados, modelados numa subjetividade serializada”,³ a partir do estabelecimento de controle moral e psicológico

1. NERI, Anita Liberalesso. Teorias psicológicas do envelhecimento: percurso histórico e teorias atuais. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Lígia; CANÇADO, Flávio Aluísio Xavier; DOLL, Johannes; GORZONI, Milton Luiz (orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2006. p. 58-77.

2. GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

3. PEREIRA, William Cesar Castilho (org.). *Análise institucional na Vida Religiosa Consagrada*. Belo Horizonte: Publicações CRB, 2005.

sobre o sentir, o pensar e o agir. Não havia indivíduo, mas grupo, e o sujeito devia amalgamar-se com a Instituição, a ponto de constituírem uma unidade. Essa é uma diferença significativa em relação à Vida Religiosa Consagrada contemporânea, na qual a pertença institucional não impede a constituição do sujeito. Para os Religiosos jovens e adultos, em geral, não há problema em reconhecer simultaneamente indivíduo e Instituição, ao contrário: a subjetividade é traço fundamental em todo o processo formativo contemporâneo.

Intergeracionalidade na Vida Religiosa Consagrada

Nas comunidades religiosas, em que distintas subjetividades convivem no mesmo espaço, é relativamente comum haver divergências a respeito da dinâmica cotidiana. O mesmo costuma ocorrer nas famílias em que pais, mães, avós, filhos e netos convivem no mesmo espaço. Mas há uma diferença significativa: nas comunidades religiosas há certa uniformidade; convivem somente homens ou somente mulheres, vinculados pela pertença institucional, atraídos pelo mesmo carisma, e que possivelmente passaram a vida nos mesmos espaços. Mas isso acentua as diferenças geracionais: embora esses elementos sejam comuns, é diferente a visão de jovens, adultos e idosos a respeito da Igreja, da formação, da missão e mesmo da dinâmica da Vida Religiosa Consagrada – o que, não raro, resulta em reclamações e críticas de uns sobre os outros.

Estamos falando, na verdade, de concepções distintas, baseadas em diferentes referenciais para definir missão e aferir a fidelidade aos votos. Isso muda, a cada geração, desde o Concílio Vaticano II. Antes, porém, não havia grandes diferenças na formação e apostolado de quem ingressava na mesma Congregação. Os Religiosos idosos aprenderam, em seu tempo de formação – a maioria, no período pré-conciliar –, que a regularidade – de horários, participação nos momentos de oração, presença nas refeições comunitárias, tempo de oração pessoal, entre outros – era parâmetro para

definir um Religioso fiel e comprometido, enquanto, para os Religiosos adultos e jovens de hoje, o critério mais importante costuma ser o envolvimento com atividades apostólicas e a contribuição dada à Congregação, à Igreja e ao mundo. Assim, atitudes impensáveis para gerações anteriores – estar ausente nos momentos comunitários, atrasar nas refeições, discordar do(a) formador(a), questionar deliberações institucionais, partilhar experiências pessoais, conviver com pessoas fora da Instituição, discutir posicionamentos da hierarquia, gastar tempo com lazer e diversão, entre outros – tornaram-se comuns na convivência comunitária, até mesmo com os formandos.

Os Religiosos jovens e adultos tiveram formação institucional influenciada pela visão de Igreja, de Jesus e de ser humano assumidas pelo Concílio Vaticano II, que afirmou o lugar do Religioso consagrado, assim como o da Igreja Povo de Deus, para além dos espaços eclesiais. Nas Congregações cujo carisma é a juventude, por exemplo, os Religiosos jovens e adultos reservam o tempo dos fins de semana para estar nas paróquias e grupos juvenis. Não raro, os idosos não compreendem essa ausência da comunidade como algo aceitável para um Religioso – ainda mais sendo jovem e/ou formando. Estes, por sua vez, tendem a achar os idosos fechados ou tradicionais. Se essas divergências não são trabalhadas, o conflito está instalado – e perpetuam-se posturas intransigentes de parte a parte.

Com relação aos Religiosos idosos, a dificuldade de compreender as novas configurações e exigências da Vida Religiosa Consagrada não se restringe a uma mentalidade fechada: há um dado de fundo neurobiológico. Na velhice, diminuem as sinapses e, com isso, o cérebro tem dificuldades de processar novas informações. Daí o apego a verdades familiares, conhecidas. Bobbio, octogenário, reconhece que, para o idoso, “torna-se mais difícil [...] fazer entrar fatos e ideias novas que não encontrem compartimentos já formados, prontos a acolhê-las”.⁴

Dois Religiosos ajudam-nos a confirmar isso. O Irmão Seán Sammon observa que alguns Religiosos “continuam

4. BOBBIO, Norberto. *O tempo da memória. De Senectute e outros escritos autobiográficos*. 10. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 49.

a confiar em certos valores de vida comunitária que serviram em outra época, quando a concepção de convivência em comunidade era muito diferente”, visto que a vida e as formas de interação dos Irmãos eram de “uma previsível uniformidade”.⁵ E a Irmã Joan Chittister lembra a tendência dos Religiosos idosos em comparar formas passadas com formas presentes e considerar as novas “inaceitáveis, não por serem infiéis ao espírito da nossa vida [Vida Religiosa Consagrada], mas por não estarmos familiarizados com elas”.⁶

Uma iluminação para esses conflitos intergeracionais é dada por Morano (2007, p. 57), que faz uma distinção entre vínculos fraternos estabelecidos na comunidade religiosa e vínculos de amizade. Uma vez que a comunidade religiosa constitui-se em torno da missão institucional, seu fim primeiro não é propiciar a convivência e a amizade, o que não quer dizer que as relações não devam ser cultivadas, pelo contrário: o espaço comunitário deve estruturar-se em torno da fraternidade, a qual “implica abertura ao outro, busca do bem do outro, capacidade de renunciar em função do outro, um compromisso com o outro”. Do contrário, a comunidade tende a delimitar os espaços de cada geração, segregando jovens e idosos, em vez de valorizar a riqueza da convivência intergeracional.

Importante cuidar também para que sejam garantidos espaços de interlocução e diálogo entre as gerações, de forma que as divergências intergeracionais não silenciem os jovens, nem os idosos. Vale lembrar que a formação recebida pelos Religiosos, no período pós-Concílio Vaticano II, silenciava os sujeitos, e muitos deles, hoje, já idosos, relutam em expressar o que pensam, sentem, desejam, por obediência à autoridade instituída, pela dificuldade de partilhar sentimentos, pelo costume de evitar conflitos ou pela resistência em expressar situações – doenças, mal-estares, necessidade de comprar remédios – que resultem em trabalho para os outros. Essa resistência demanda, de quem convive com eles no dia a dia, especial atenção ao que é comunicado sem palavras. A comunicação não verbal, entre os Religiosos idosos, pode ser bastante eloquente.

5. SAMMON, Seán. *Maravilhosos companheiros*. A vida comunitária dos Irmãozinhos de Maria. Circular do Instituto dos Irmãos Maristas. Roma: 2005. p. 25-28.

6. CHITTISTER, Joan. *Fogo sob as cinzas*. Uma espiritualidade da vida religiosa contemporânea. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 74.

O lugar dos idosos na Instituição religiosa

As comunidades religiosas estruturam-se em torno do que Britto da Motta, aludindo às famílias intergeracionais, chama de uma “contemporaneidade de não coetâneos”, que configuram “vivências diferenciadas do mesmo tempo social”.⁷ Sammon reconhece ser evidente a presença de várias gerações nas Congregações, mas assinala: “[...] o que não está claro até agora é o grau de diferença entre elas”. No cotidiano, essa falta de clareza pode manifestar-se em forma de reclamações e insatisfações, verbalizadas ou não.⁸

É provável que os Religiosos idosos que têm dificuldade para aceitar o estilo de ser Religioso dos jovens tenham essa atitude porque, no tempo em que eram crianças e jovens, as fases da adolescência, juventude, adultez e meia-idade – hoje conceitualmente distintas – tinham pouco significado: a vida constituía-se “um todo contínuo em que as grandes transições eram marcadas por eventos sociais e políticos”.⁹ O ingresso na Instituição religiosa implicava a adoção de posturas condizentes com o comportamento de um adulto, fosse qual fosse a idade do formando. Assim, é difícil, para muitos idosos, compreender que os jovens de hoje tornam-se Religiosos sem abdicar de sua condição juvenil.

Para essas tensões intergeracionais contribui o fato de que a velhice implica, para os Religiosos, uma mudança no estilo de vida mantido até então. Na primeira geração da terceira idade, os sessenta anos, não costuma haver alterações significativas, pois os Religiosos continuam ocupando os mesmos espaços e funções em que estavam anteriormente. Após os setenta anos, entretanto, a tendência é que a maioria seja afastada de funções executivas e dos espaços de deliberação institucional. Para muitos deles, não é nada tranquilo estar fora desses lugares, especialmente se, ao longo da vida na Congregação, sempre assumiram cargos de poder. É semelhante à situação de um idoso que focou sua vida no trabalho e, ao se aposentar, não encontra sentido na vida porque sempre se compreendeu a partir do papel produtivo. O ingresso na terceira idade demanda a assimilação de um novo papel social,

7. BRITTO DA MOTTA, Alda. Visão antropológica do envelhecimento. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier; DOLL, Johannes; GORZONI, Milton Luiz (orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2006. p. 78-82.

8. SAMMON, *Maravilhosos companheiros*. A vida comunitária dos Irmãozinhos de Maria, p. 27.

9. DEBERT, Guita Grin; SIMÕES, Júlio Assis. Envelhecimento e velhice na família contemporânea. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier; DOLL, Johannes; GORZONI, Milton Luiz (orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2006. p. 1.366-1.373.

e para os Religiosos isso não é diferente. Muitos deles registram o afastamento como um descarte da Congregação, um atestado de nulidade institucional, e adoecem ou manifestam o declínio característico da velhice como reação a uma suposta perda de importância na estrutura institucional. Parece que a pessoa envelhece da noite para o dia.

Mas é um fato comprovado que os Religiosos tendem a preservar sua funcionalidade em nível acima da média da população. As funções mentais, saúde, capacidades intelectuais e independência para as atividades da vida diária costumam declinar em ritmo mais lento do que a média da população brasileira. Isso se deve ao estilo de vida, suporte institucional, vivência comunitária, espiritualidade e exercício das funções cognitivas, fatores importantes para o envelhecimento bem-sucedido e que são favorecidos pela Vida Religiosa Consagrada. Esta comporta mais gente longa do que outros grupos sociais. Então, a pessoa continua tendo o domínio de suas capacidades, mas é afastada dos espaços institucionais.

Essa situação é agravada nas Congregações que mantêm comunidades só para idosos, e mais ainda quando o Religioso é transferido para uma delas contra sua vontade. Mesmo que a razão da transferência seja a necessidade de cuidados médicos especiais, com infraestrutura adequada, o sentido simbólico geralmente associado a elas é negativo: são o lugar de esperar pela morte. Muitos Religiosos consideram que reservar um lugar específico para os idosos contradiz o sentido de fraternidade que deve guiar a Vida Religiosa Consagrada. Outros, entretanto, redescobrem nessas comunidades um outro estilo de Vida Religiosa Consagrada, em que o apostolado modifica-se, mas não cessa. Outros, ainda, afirmam que o lugar dos Religiosos idosos deve ser aquele em que sempre estiveram: as comunidades apostólicas.

A missão dos Religiosos idosos

A opção pela consagração e pertença a uma Instituição religiosa, a partir do chamado vocacional, é alimentada

pelo apostolado nos espaços de missão definidos pelo carisma fundacional. Ao longo da vida na Instituição, os Religiosos costumam ser itinerantes. Boa parte das Congregações define os tempos médio e máximo de presença do(a) Religioso(a) em determinado lugar ou função. Essa itinerância tem sido discutida, na Vida Religiosa Consagrada, como um sinal de fidelidade à missão e de liberdade para cultivar o desapego a lugares e pessoas e acolher os apelos do Espírito. Mas, se os Religiosos idosos são afastados dos espaços apostólicos, como fica o sentido de missão? É possível falar de uma missão específica do Religioso na terceira idade?

A resposta é positiva porque a missão está na essência da vida cristã, independente da idade, e com os consagrados não seria diferente. Contudo, a questão é mais complexa, porque a terceira idade pode constituir-se uma continuação do estilo de vida mantido anteriormente ou significar ruptura e mudança a partir de novas opções pessoais. Além disso, a maioria dos idosos, até mesmo Religiosos, torna-se mais seletiva no tocante a pessoas, atividades e obrigações. Muitos idosos não têm problema para manifestar, de forma velada ou explícita, suas preferências pessoais nessa etapa da vida – diferentemente de outras épocas, em que afinidades pessoais eram reprimidas e não cabia ao Religioso optar, mas obedecer às decisões de instâncias superiores.

A Irmã Joan Chittister considera que “a velhice é precisamente aquele ponto da vida no qual os valores mudam e a virtude é renegociada”,¹⁰ o que demanda um esforço consciente de revisão de vida e adaptação às exigências da nova etapa vital. Nessa perspectiva, o sentido de missão dos Religiosos idosos não é dado de forma automática, mas será definido a partir do *histórico de vida* do indivíduo, dos traços da sua *personalidade* e da sua *concepção de missão institucional*.

Em relação ao primeiro elemento, o *histórico de vida* dos Religiosos imbrica-se com as experiências de apostolado. Aqueles cuja vida institucional desenvolveu-se em espaços de gestão ou funções mais burocráticas, que não favoreciam o contato direto com outras pessoas além dos confrades,

10. CHITTISTER, *Fogo sob as cinzas*. Uma espiritualidade da vida religiosa contemporânea, p. 72.

terão mais dificuldade para envolver-se em atividades apostólicas na terceira idade. Aqueles que, ao contrário, estiveram em diferentes lugares e espaços de missão, assumindo funções diversas e em contato com grupos variados, tendem a adaptar-se mais facilmente às mudanças causadas pelo envelhecimento. Por isso, não costumam ter problemas para continuar em atividade apostólica – considerando, naturalmente, as limitações da velhice. Assim, se anteriormente o apostolado desenvolvia-se no ambiente educacional, em função docente ou de gestão, estar agora na entrada do colégio para acolher os estudantes, no início das aulas, é atividade com sentido apostólico e que possibilita a continuidade da presença em um espaço de missão. Se as limitações físicas não permitem mais as visitas regulares a grupos ou o trabalho de animação das comunidades, o compromisso apostólico tem continuidade na contribuição à formação de lideranças, na condução de celebrações ou na conversa com pessoas próximas que procuram orientação, aconselhamento ou apenas alguém que as escute. Se não é mais possível estar à frente de projetos comunitários, cuidar da capela ou dos anais da comunidade garante senso de utilidade e propósito para a presença junto aos demais. São muitos os exemplos.

Os traços da *personalidade* influenciam na missão porque favorecem – ou não – a interação com pessoas e espaços, até mesmo eclesiais. Religiosos(as) com habilidades relacionais bem desenvolvidas demonstram mais facilidade para interagir com grupos diversos, o que oportuniza o reconhecimento de campos de atuação variados. Já os Religiosos tímidos, reservados ou com pouca iniciativa poderão render-se às dificuldades proporcionadas pelo declínio corporal – locomoção, memória, audição, entre outras – e adotar o recolhimento como estilo de vida. E aqueles com traços aventureiros, com preferência por atividades tidas como transgressoras ou projeto pioneiros, tendem a manter, na terceira idade, a audácia de explorar possibilidades e arriscar caminhos distintos dos trilhados pela maioria de seus confrades. É importante assinalar que os Religiosos idosos conhecidos como rabugentos, reclamões ou difíceis não

ficaram assim na terceira idade; já tinham essa atitude em outras etapas da vida.

O *sentido de missão*, da maneira como o Religioso o recebe, acompanha as mudanças na sua vida e adapta-se às demandas institucionais. Se mudam a comunidade e a função institucional, muda também o estilo do apostolado missionário. Por exemplo: um Religioso envolvido com tarefas apostólicas junto a crianças, adolescentes e jovens, que é eleito provincial, assumirá a tarefa de gestão como missão institucional; outro, que parte para a missão *ad gentes*, compreende sua nova terra como campo missionário; e fará o mesmo aquele outro comprometido com Comunidades Eclesiais e que é nomeado formador.

Enfim, o sentido da missão na terceira idade, influenciado pelo histórico de vida individual e pela personalidade, resulta de uma síntese pessoal feita pelo Religioso. Como visto anteriormente, alguns terão dificuldade de encontrar seu campo de missão nessa etapa da vida, enquanto outros ressignificam o que fizeram anteriormente. Entre estes, alguns dão continuidade às tarefas apostólicas assumidas desde outros períodos vitais; outros acolhem o novo tempo como uma possibilidade de dedicar-se a atividades agradáveis – leitura, música, escrita, pintura – que, em outros tempos, eram preteridas em função dos compromissos pessoais e obrigações institucionais; outros, ainda, adotam um estilo de vida mais recolhido e contemplativo, reconhecendo que sua missão, agora, não é estar nos espaços do mundo, mas dedicar-se à tarefa de rezar pelas pessoas, pela Congregação, pela Igreja. A vida torna-se oração e esta passa a ser o meio pelo qual o idoso continua seu apostolado, contribuindo com aqueles que permanecem na ativa.

Essa última tarefa missionária aponta outro traço característico dos Religiosos idosos: a importância da espiritualidade. Como o contato com o Sagrado foi cotidiano ao longo da vida, a espiritualidade costuma tornar-se chave de leitura para muitas outras situações, como questões de saúde, problemas cotidianos, deliberações institucionais das quais discorda ou que implicam mudanças no estilo de vida.

Não é possível afirmar que as pessoas, em geral, ficam mais espiritualizadas à medida que envelhecem. Isso acontece com aquelas que cultivaram a espiritualidade ao longo da vida – como os Religiosos, que sempre tiveram espaços e tempos regulares para alimentar pessoal e comunitariamente a relação com Deus.

Entre eles, a espiritualidade costuma ser cultivada a partir de lugares e hábitos familiares, por isso rejeitam músicas novas, formas diferentes de oração ou mesmo mudanças no lugar que sempre ocuparam na capela. A regularidade do cotidiano, característica da maioria dos idosos, é apreciada porque confere segurança. Assim, embora a tendência das novas gerações inclua a inovação dos momentos de oração coletiva, é bastante provável que os idosos rejeitem as novidades. Para a maioria, a contemplação é a melhor forma de rezar, e as práticas de fé permanecem as mesmas de outros tempos. Por mais esforços bem-intencionados que os jovens façam, há pouca possibilidade de que os idosos mudem seu estilo de cultivar comunitariamente a relação com Deus.

Ainda sobre a relação entre envelhecimento e acento da espiritualidade: vale considerar que, à medida que a velhice avança, sobra mais tempo para o Religioso dedicar-se à oração. E a velhice, tempo de uma nova síntese sobre a vida, a pertença institucional e a missão, traz também a tarefa de encarar a ideia de morte. Kübler-Ross afirma que todas as pessoas, independente do estado de vida ou das condições de saúde, sentem necessidade de fugir a isso, mas deverão, mais cedo ou mais tarde, elaborar a finitude – e fazer isso individualmente. A vida desenvolve-se coletivamente, mas a finitude diz respeito a cada pessoa e, portanto, preparar-se para o fim é tarefa solitária.¹¹ Entre os Religiosos, significa a tarefa última de preparação para o encontro definitivo com Deus. Isso tem a ver com as opções de vida e, pelo prisma da espiritualidade, torna-se também parte das tarefas do Religioso idoso.

Uma última observação a respeito da missão dos Religiosos idosos: as diferenças intergeracionais. Jovens e adultos compreendem de forma distinta a contribuição específica

11. KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

dos idosos para a Congregação e a Igreja. As afirmações anteriores tomaram por base a visão dos idosos, mas as outras gerações acrescentam três tarefas a mais: ser e viver como idoso e cuidar de si, visto que toda a vida foi dedicada aos outros; testemunhar, para as outras gerações, que foi feliz com sua opção de vida, deu uma contribuição para o mundo, para a sociedade, para o Reino de Deus; e ser presença junto a Religiosos mais jovens, mantendo viva a história da Instituição e a memória de quem percorreu esse caminho para que as atuais gerações passem por ele hoje. As três tarefas revelam como os Religiosos idosos são percebidos pelos seus confrades de outras idades. A diferença de visões, aqui, não é de oposição, mas de complementaridade, e confirma ser possível o diálogo e a convivência partindo das diferenças intergeracionais.

À guisa de conclusão

A reflexão a respeito dos Religiosos idosos tem de partir, necessariamente, do reconhecimento da sua condição de sujeitos e da diversidade deste grupo. Os idosos, mesmo os difíceis, não podem ser vistos como um problema para a Vida Religiosa Consagrada, e a melhor atitude, no trato com eles, não é de indiferença nem de condescendência, mesmo que bem-intencionada. Reconhecê-los como sujeitos implica considerar o que pensam e sentem, no dia a dia da comunidade, e valorizar suas possíveis contribuições à Congregação e à Igreja.

Além disso, por detrás da aparência de uniformidade os idosos constituem um grupo diverso, constituído por distintos sujeitos com experiências e trajetórias variadas. O olhar sobre as gerações de idosos evidencia isso: um idoso na faixa dos sessenta anos é bastante diferente de um octogênio. Mas todos constituem a memória viva da Congregação e da própria Vida Religiosa Consagrada – e constituem uma imagem do futuro dos Religiosos que hoje são jovens e adultos. Como qualquer pessoa, os idosos podem ser conhecidos e desvelados somente no exercício da convivência,

o que possibilita descobrir possibilidades e estratégias para lidar com eventuais diferenças e conflitos.

Finalmente, a intergeracionalidade é uma realidade da qual a Vida Religiosa Consagrada não pode esquivar-se. Considerar as diferentes gerações da Vida Religiosa Consagrada é movimento para valorizar as especificidades de ser Religioso jovem ou idoso, não de forma a idealizá-los nem de modo a preterir uns em favor de outros. E o exercício dessa reflexão não deve ater-se às questões da convivência intergeracional nem a teorizações que mantenham cada geração isolada no seu espaço. Talvez o ponto de partida mais adequado sejam as exigências contemporâneas da missão cristã, matizada pelo carisma institucional, e que implica Religiosos de todas as idades na corresponsabilidade por levá-la adiante.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como os Religiosos idosos da comunidade ocupam seu tempo?
2. Na sua comunidade, há conflitos intergeracionais? Como são trabalhados?
3. Como a Congregação tem tratado os idosos? Há iniciativas específicas para as gerações da terceira idade?